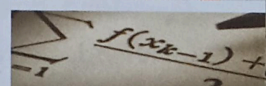
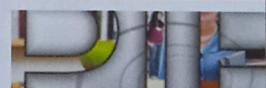
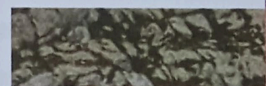
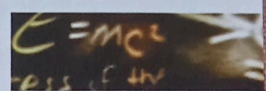


ÁLBUM do PIBID FURG



Sumário

Apresentação	2
Conhecendo e reconhecendo a Arte	4
Um Pacote de Bala Sete Belo	6
O velho caderno	8
O zoológico da Turminha 3ª	10
Fila até em brincadeira livre	12
Segunda aula de Rúgbi feminino	14
Um aluno fiel	16
Uma nova experiência	18
A dúvida de Cícero	20
O que os olhos dos professores não vêem!	22
O Giramundo	24
O Lápis	26
A importância da diferença	28
O trem	30
Uma viagem ao mundo da cerâmica	32
A escolha de Sofia	34
Quem se importa?	36
Com histórias se aprende a ser professora	38
A menina esperta	40
Aprendendo com a guerra de bolinhas	42
A caça ao tesouro	44
O bebê menino	46
Alegria de viver	48
Ser Professora	50
A química era do 'outro mundo'	52
Professores sempre podem fazer a diferença	54
Créditos	56



Apresentação

Apresentamos o Álbum de Histórias II como uma proposição de formação de professores produzidas no contexto do PIBID.

Apresentamos nosso segundo Álbum de Histórias do PIBID e fazemos isso dentro de um contexto formativo que é um programa de formação acadêmico-profissional. Isso é um conjunto de ações que reúnem professores universitários, professores da rede de educação básicas e alunos da Licenciatura a discutir a sala de aula, a formação de suas identidades, construindo modos de compreender suas decisões, ações, pertencimentos profissionais.

Este Álbum de Histórias produzidas em experiências de formação parte da idéia de que histórias são relatos de eventos e experiências que aconteceram às pessoas e o que isso significou para elas aos tê-las experienciado em circunstâncias particulares e consequências específicas.

Mas o que são histórias? Todos sabemos contá-las, mas na hora de conceituá-las já fica mais difícil e nisso parece que se assemelha ao tempo que Santo Agostinho dizia que se ninguém lhe perguntasse sabia o que era o tempo, no entanto se quisesse explicar a quem tinha feito a pergunta o que era afinal o tempo já não o sabia.

Se tem muita gente que estuda o tempo tem também muita gente que estuda as narrativas, as definem e as pesquisam.

A narrativa é uma estratégia comunicativa desenvolvida pelos seres humanos que tem a ver com o tempo, o processo e a mudança. Uma estratégia que contrasta, mas no nosso entendimento. Não é inferior aos modos científicos de explanação e caracterização de um fenômeno. E temos aliados na defesa de que a narrativa é também um modo de produção de conhecimento. Vejamos, o modo de produção de conhecimento científico não deixa de ser uma narrativa em que eventos e teorias são tecidos de modo a mostrar uma sequência de eventos que aconteceram em determinado processo que levou a transformação ou proposição de um pensamento diferente do anterior.

E porque apostamos em escrever histórias, ou melhor, em aprender a escrever melhor histórias como princípio educativo e princípio científico?

Uma das razões é que narrar produz efeitos na interação social, ou seja, grupo sociais constroem identidades através da contação de histórias. E com isso queremos melhorar as histórias que se contam sobre ser professor.

Também porque histórias pessoais podem encorajar outras pessoas a agir para melhorar suas histórias. Nós que somos convencidos da importância dos professores na construção de uma sociedade mais igualitária pensamos que precisamos produzir histórias de presença na docência. De certa forma estamos cansadas das histórias de ausência, faltas, dificuldades. Somos mais que isso e é por isso que queremos contar histórias do que nos acontece quando estamos juntos.

Um outro aspecto é que narradores argumentam com histórias, basta ver que advogados organizam fatos para que se decida a favor de seu cliente, ou seja, a narrativa funciona para convencer de sua veracidade, mas

sempre pode ser questionada. Podemos contar os fatos com interpretações e enredos diferentes. Pensando sobre o dito no parágrafo anterior nos surpreendem a falta nas histórias, mas não é possível a falta sem a presença, são elementos complementares. E se tanta gente aponta a falta queremos apontar a presença. Presença de formação de professores consistente, que conta experiências do que nos acontece, como afirma Larrosa.

De outro modo a narrativa sempre nos convida para adentrar na perspectiva do narrador ao nos permitir ao menos perguntar qual é a nossa posição como leitores de sua história. E por isso a narrativa tem uma forte função de envolvimento dos leitores. Em tempos que se diz que pouco se lê e escreve, para nós escrever é fazer história de envolvimento.

Jerome Bruner (1987) vai mais longe ao afirmar em seu texto clássico "Life as narrative" que a narrativa estrutura a experiência, organiza a memória, segmenta e fornece propósitos para muitos dos eventos de nossa vida. E diz mais, sujeitos se tornam o que são pelas narrativas que eles contam sobre suas vidas. Vida de professores é o que produzimos neste álbum em que professores de Licenciaturas atuando na educação básica contam histórias. Pequenas histórias que mostram a sala de aula, os alunos, os professores, as alegrias que temos sem estarem de forma alguma separadas de momentos de questionamento e indecisão e mesmo de frustração. Assim nos tornamos professores na vida, mas para nós nos formamos ao escrever, ler, discutir, analisar, pensar sobre, mudar, transformar as possibilidades de nossas histórias.

Algumas razões para acreditarmos na narrativa como artefato cultural da formação de professores é porque ao nos tornarmos produtores de narrativas podemos, a partir delas, pensar em como o escritor decide contar uma e não outra sequência de eventos e como usa a linguagem para isso. Podemos também ao ler as histórias produzidas em contextos de formação de professores perguntar sobre a intenção do narrador ao contar aquela e não outra história. Ou seja, para quem a história foi escrita e com que proposição. Por que os eventos são colocados daquela forma? Que aspectos da história são tomados como conhecidos pelo leitor? Quais os dilemas, os problemas, os desafios e as soluções que surgem nas histórias? Há inconsistências que permitem construir alternativas ou mesmo outras narrativas a partir de uma história.

São infinitas as narrativas, já dizia Barthes, e também diversos os modos de narrar a experiência e o modo produz significados e, mais uma vez, nesse escrever, reescrever para melhor contar, nos tornamos (melhor) professores. Uma questão não só, mas também de identidade.

É pois com satisfação que entregamos nossas histórias escolhidas porque esta escrita permitiu a cada um de nós melhor nos conhecermos enquanto escrevemos e agora nos darmos a conhecer aos outros pelo que decidimos escrever.

Que estas histórias sejam instâncias de produção de outras histórias, de outros processos de formação.

Por último, temos que agradecer a todos que escreveram, ilustraram, leram, discutiram, mudaram, escolheram todas as muitas histórias que couberam neste álbum e outras tantas que ficaram ainda por vir.

No final de tarde de um dia muito produtivo na escola, Kelly fechou a porta da sala onde trabalhara com Rafaela. Agradeceu pelos ensinamentos do dia e comentou com ela sobre a semana de aprendizado com os alunos.

Separaram-se no saguão. Rafaela foi caminhando devagar e, já distante, gritou para Kelly:

- Temos de continuar trabalhando muito para que nossos alunos conheçam e reconheçam a arte!

Kelly esperaria o ônibus e iria para casa e, por isso, como faltava ainda tempo, sentou-se em um banco e ficou a imaginar estratégias de como atrair o olhar dos alunos para a arte.

Fazia algumas anotações para mostrar a Raquel, quando ouviu murmúrios. Eram dois dos seus alunos, os mais bagunceiros, Emanuel e Tadeu. Cumprimentaram-na e ficaram ali sentados. Kelly, então, aproveitou a oportunidade e perguntou-lhes:

- E aí, guris, estudando muito sobre a Pop Art?

Emanuel respondeu-lhe com sarcasmo:

- Arte? Estudar? Pra quê?

E Kelly respondeu, tentando ser persuasiva:

- Para o futuro! Vocês não devem ter implicância com as matérias, pois, em algum momento da vida, vão encontrar um episódio em que será de extrema importância aplicar as noções de porcentagem, saber onde colocar crase, ter noção espacial, histórica, ter conhecimento de alguma língua estrangeira.

E sem deixá-la terminar, o mesmo a interpelou:

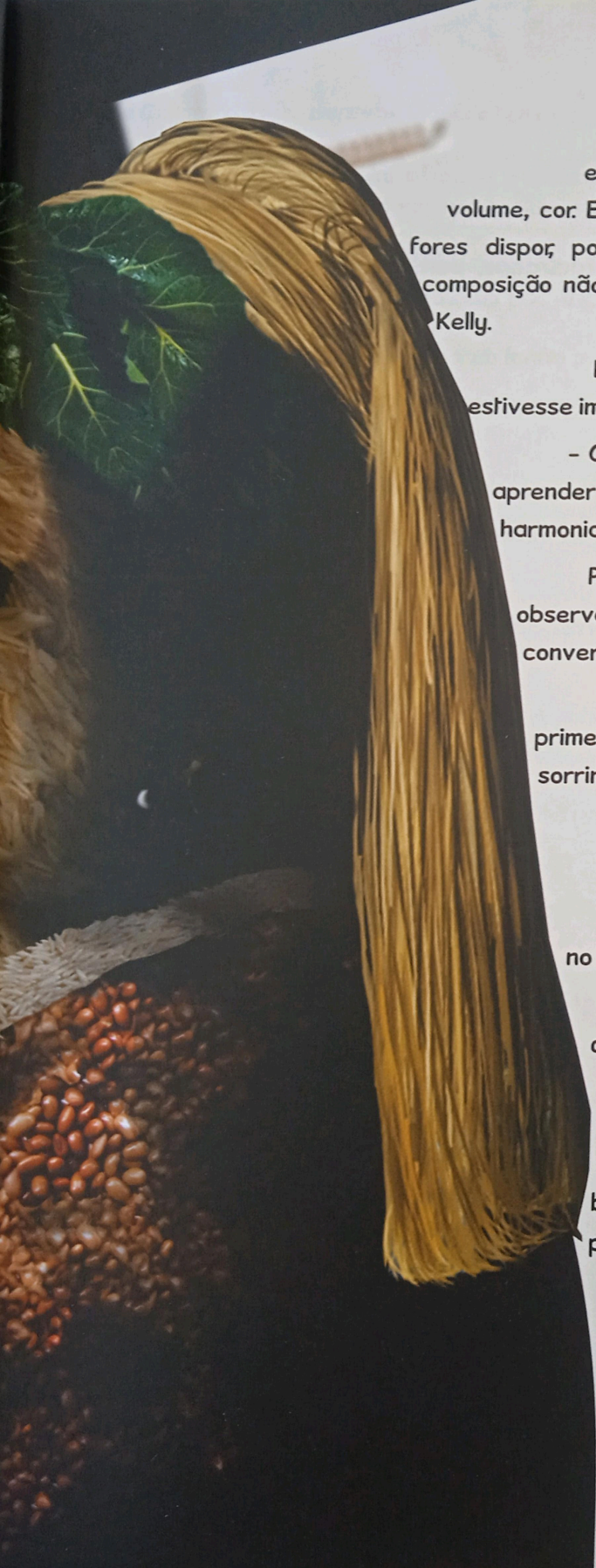
- A gente sabe disso. E a arte? Que importância ela vai ter na minha vida? Eu quero fazer gastronomia.

E lá foi Kelly, desconfiada de que seu ônibus chegaria e o assunto não cessaria. Estufou o peito e respondeu:

- Ora, está aí um bom motivo para começares a gostar de arte. Podes deixar teus pratos mais atraentes. Aprender sobre arte amplia teu olhar para a estética.

Tadeu interferiu:

- Imagina tu recriares um quadro famoso com verduras, legumes e carnes? Vai ser um sucesso!



- Lembra da aula que tivemos sobre os elementos básicos da comunicação visual? Ponto, linha, reta, plano, volume, cor. Eles servem para compor a obra e, a depender da maneira que fores dispor, podes torná-la harmonizada ou desarmonizada. Esse jogo de composição não se limita somente às artes tal como as conhecemos, acrescentou Kelly.

Então o futuro gastrônomo ficou pensando e sorrindo, como se estivesse imaginando seu futuro promissor.

- Certo que não. Vou prestar mais atenção nas aulas. Agora quero aprender mais sobre arte. Vou reparar se os artistas criam as obras com harmonia.

Por alguns minutos houve um silêncio e a futura professora ficou a observar os alunos. Percebia que continuavam pensando sobre a conversa.

Despediram-se rapidamente, pois o ônibus havia chegado. Do primeiro degrau, olhou para trás. Os dois estavam a lhe abanar sorrindo.

- Não vejo a hora de ter nossa próxima aula, gritou Tadeu.

- Não esqueças da nossa visita ao museu, prosseguiu Emanuel.

A jovem professora fez sinal de positivo, sorriu e embarcou no ônibus.

Naquele dia, apesar de ter trabalhado muito, não estava cansada. Estava feliz e satisfeita, com o sentimento de dever cumprido e com a certeza de que nada é impossível. E acreditando que a educação pode de fato constituir a estrutura mesmo dos que em algum ponto do caminho a ela resistiram, falou baixinho para si mesma: temos de continuar trabalhando muito, para que todos nossos alunos conheçam e reconheçam a arte!

Ilustração: Sandro Kisner

UM PACOTE DE BALAS SETE BELO

THAYS OLIVEIRA

Um vento frio trazia o cheiro de mofo da sala de aula. Carolina e Roberta iniciariam suas atividades naquele dia. Era noite de sexta-feira de um inverno rigoroso.

Carolina, cansada pela semana repleta de trabalhos na faculdade, perdia-se em pensamentos que revelavam sua ansiedade de estreia como professora.

"Acredito que nesta aula faltará um grande número de alunos; afinal de contas, a maioria dos estudantes trabalha o dia todo e estão cansados das atividades acumuladas durante o decorrer da semana. Não sei não se teremos alunos" - pensava ela.

Mas eles foram chegando devagar, davam um singelo "boa noite" e se acomodavam nas classes desalinhadas. Carolina nem teve tempo de refazer sua avaliação, interrompida que foi por Roberta a lhe apresentar para a turma como a professora licencianda bolsista.

Carolina, ainda um pouco desajeitada e receosa com o decorrer da aula, assumiu seu posto, mas algo não pensado aconteceu.

- Carolina! Pode vir aqui um pouquinho?

Carolina não sabia o que fazer. Não estava em seu script.

- Sim - respondeu com voz baixa sem saber bem de onde tinha tirado tanta confiança na resposta.

- Minha criação está boa? Estou achando um pouco sem cor - era Miguel quem pedia sua atenção.

- Gostei da sua idéia. Acredito, porém, que para o trabalho não precisa retirar uma imagem da internet, pode você mesmo desenhar uma!

Foi aí que Juliana, sentada ao lado de Miguel, colocou-se na conversa.

- Isso mesmo, Miguel. Podemos te ajudar e o resultado vai ficar bem melhor!

Carolina nem se deu conta que perdeu a timidez, pegou uma das cadeiras e se sentou entre os dois. Ficou entusiasmada!

As dúvidas foram surgindo e a criação, quase que coletiva, estava em andamento. Juliana, sentada ao lado esquerdo de Carolina, retirou da bolsa um pacote com balas "sete-belo".

- Queres? - ofereceu, dirigindo o pacote a Carolina.

- Não, obrigada - agradeceu timidamente Carolina - mas bem que gostaria de ter aceito - pensou. Eram suas prediletas! Como podia ter resistido?

Ainda bem que Juliana insistiu. Comendo sua bala com um sabor inconfundível, a aula avançou tão rápido

que Carolina já não percebeu mais o tempo passar:

- E agora professora, está bom? - perguntou Miguel.

- Sim, Miguel, está ficando muito bom! Você está fazendo um bom trabalho!

Ali, sentada com Miguel e Juliana, comendo aquelas balinhas irresistíveis, sentindo-se tão acolhida, a professora receosa do início da aula não existia mais. Estava confiante e tranquila. "Que pena que bateu" - pensou ao ouvir o sinal tocar.



Ilustração: Diogo Dornelles

O VELHO CADERNO

SENHORINHA MARLENE DE MORAES

Ao iniciar o último bimestre do ano letivo de 2003, a professora da disciplina de Iniciação à Ciência do curso de Magistério informou às alunas que, para o encerramento das atividades daquele ano, fariam uma "Mostra de Experimentos em Ciências," com o objetivo de integrar os conceitos e as práticas.

O evento seria aberto à comunidade escolar e à visitação pública, o que criava um alvoroço na sala de aula.

As alunas se reuniram em grupos e começaram a pesquisar experimentos nas diversas áreas científicas. Queriam atrair a atenção dos visitantes. A professora percebera que havia entre elas uma velada competição para saber qual grupo apresentaria a experiência mais interessante.

Durante a mostra, as estudantes precisavam demonstrar e explicar os experimentos que haviam sido testados previamente em sala de aula.

Chegado o dia da mostra, tanto a professora quanto as alunas, sobretudo estas, aguardavam ansiosas. Todas seriam avaliadas e questionadas sobre os procedimentos, aplicações no conteúdo estudado, detalhes técnicos da montagem, sem esquecer, é claro, de dizer as fontes consultadas para fazer a pesquisa, recomendação especial da professora.

Um dos grupos apresentou um trabalho simples sobre "pressão do ar e seu uso no cotidiano". No roteiro, a única fonte de pesquisa era um velho caderno de Ciências da quinta série.

A professora fez perguntas às alunas, que ficaram pasmas com o questionamento. A professora seguiu conversando de grupo em grupo e elas, para provar a veracidade da fonte, começaram a procurar o tal caderno citado em todos os apetrechos levados para a mostra. Ainda bem que acharam e foram ao encontro da professora, perdida entre os alunos que visitavam a exposição.

Nervosa, Elisabete se adiantou na explicação, já sabendo que a professora não deixaria por menos:

- Professora, essa experiência eu fiz na quinta série e, como gostei muito da disciplina de Ciências, guardei o caderno. Agora, no terceiro ano do Magistério, estou fazendo uso dele para aprender a como se pode ensinar Ciências.

- Nossa, Elisabete! Que bacana você tê-lo guardado por tanto tempo!

- Pois é, professora. Eu tinha apenas dez anos de idade e este era o "seu cadernó".

A professora foi surpreendida em plena mostra, rodeada de alunos, como gostava, vivendo a emoção de ter seu trabalho valorizado ao longo do tempo.

O caderno era de 1998.

- Foi um presente ", pensou!

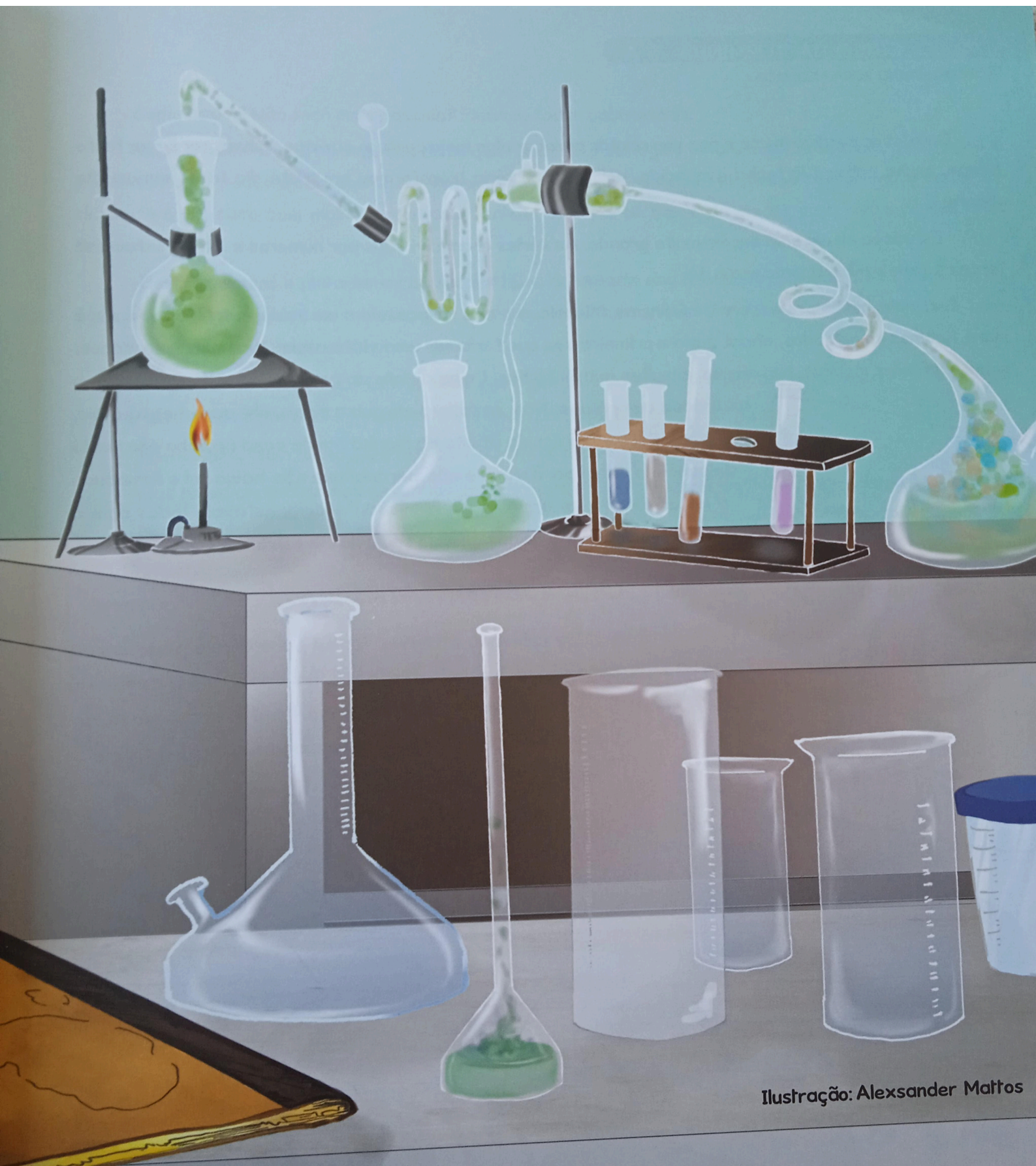


Ilustração: Alexander Mattos

O ZOOLOGICO DA TURMINHA 3 A

ROBSON MAGNO ROSA MEDEIROS

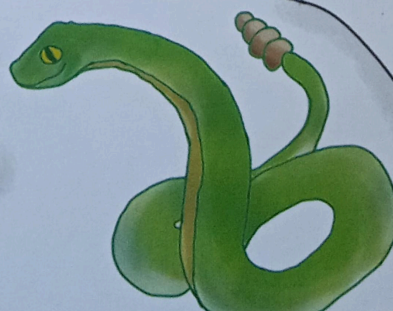
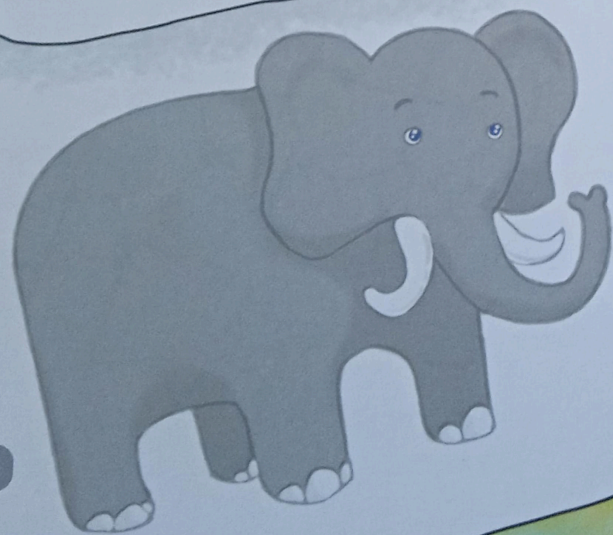
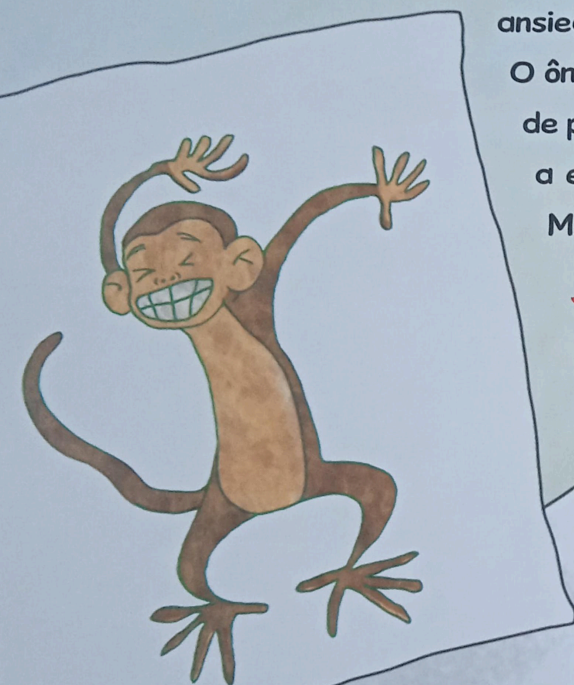
Caro leitor, perdoe-me se o que vou relatar parecer algo meio confuso ou vago. Talvez por fazer tanto tempo, minha cabeça já tenha esquecido, pois essa história transformou um triste dia triste em um dia alegre.

Estudava eu em uma escola muito grande. As séries eram divididas por números e letras. Estava na terceira série e minha turma era a 3A.

Certo dia, minha professora de Ciências, Michele, marcou um passeio a um zoológico. A turma e eu, é claro, ficamos empolgados; afinal, seria a primeira vez que faríamos uma visita assim. Iríamos ver macacos, leões, elefantes, cobras, tartarugas e muitos outros bichos. Como a data do passeio ia se aproximando, a ansiedade aumentava. Não se falava em outra coisa, até que chegou o dia. O ônibus chegaria à escola às oito da manhã. Saí de casa cedinho por medo de perdê-lo. Olhei para o céu e não percebi que não havia sol e tampouco a escuridão que se armava. Na frente da escola, estavam todos com a Michele a esperar o ônibus quando se ouviu um estrondo.

- BOOOOOOMMMMMMM!

E do nada começou a chover. Fomos para a sala ainda com a esperança de que o ônibus chegaria e, da janela, eu via a chuva lá fora cada vez mais forte. Já eram nove horas e nada da Michele nos chamar. Foi uma eternidade o tempo para que ela reaparecesse, sem graça e bem triste: o passeio fora cancelado.



- Como assim? Não terá mais passeio? Ficamos todos cabisbaixos.

Vendo a turma triste, Michele nos disse que faríamos o zoológico vir até nós. Em seguida, pediu para a esperarmos um pouco e saiu correndo. Não se passaram cinco minutos e ela voltou com um maço de folhas de ofício e um saco com muitas canetinhas, caixas de lápis de cor e de giz de cera e nos propôs uma brincadeira.

Desenharíamos e pintaríamos quaisquer tipos de animais nas folhas em tamanho ofício. Cada um de nós poderia fazer quantos animais quisesse, mas que teriam que ser um em cada folha. Com isso, montaríamos nosso próprio zoológico.

Terminados os desenhos, Michele pediu para que amontoássemos as classes em um canto, deixando a sala de aula mais ampla e foi espalhando os animais por toda ela.

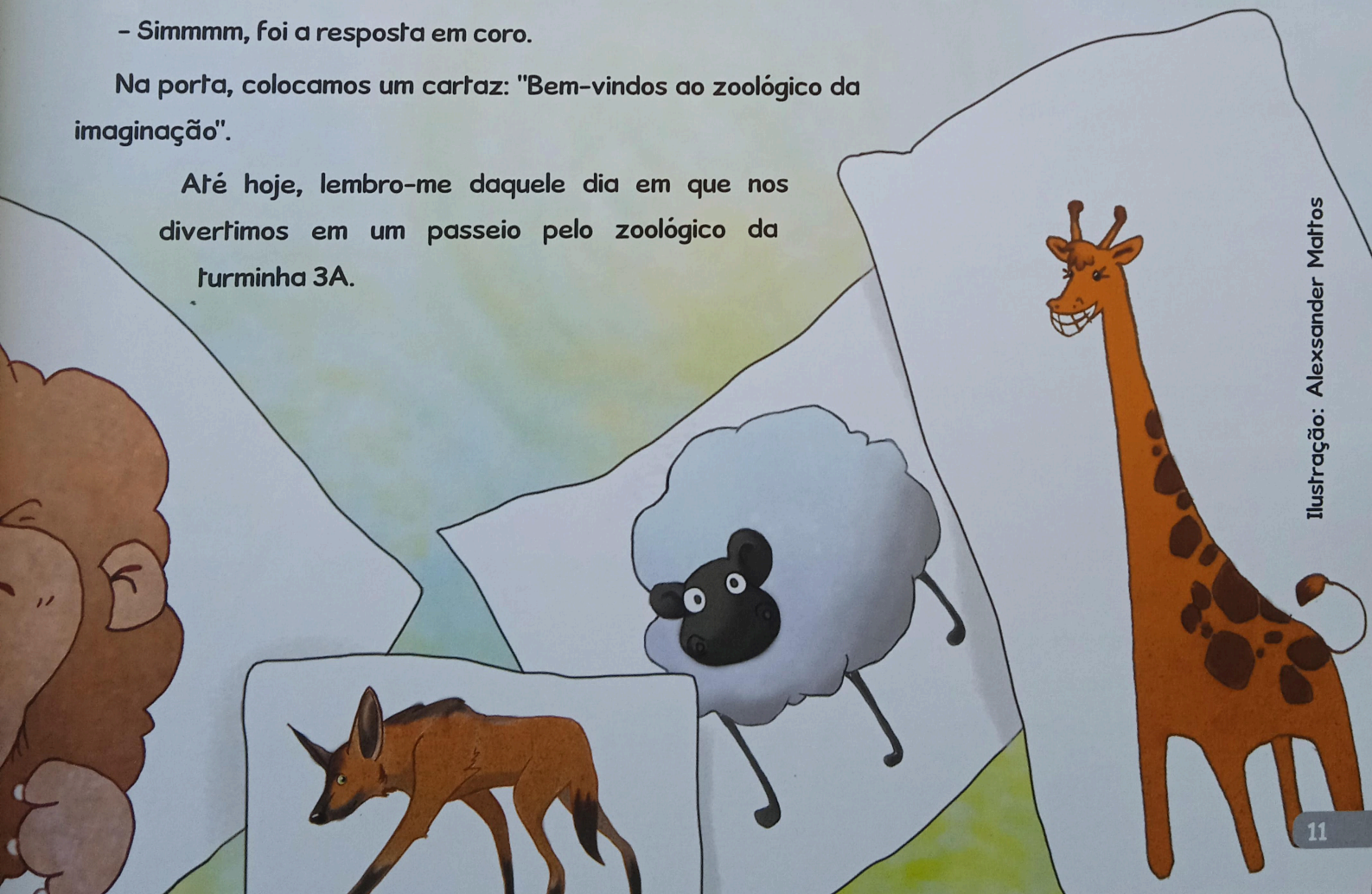
- Professora, além de nós, quem mais viria visitar nosso zoológico? - perguntou Cauã

- Que tal se chamássemos as turmas ao lado para visitar nosso zoológico? - respondeu a professora.

- Simmmm, foi a resposta em coro.

Na porta, colocamos um cartaz: "Bem-vindos ao zoológico da imaginação".

Até hoje, lembro-me daquele dia em que nos divertimos em um passeio pelo zoológico da turminha 3A.



FILA ATÉ EM BRINCADEIRA LIVRE!

CECÍLIA DA SILVA BORGES

Hora de ir para o Ginásio! A turma estava animada com a aula de Educação Física. Sentamos no chão e conversamos colocando novidades em dia. Na sequência, fizemos alguns movimentos simples para alongar. As crianças estavam tranquilas.

- Vocês conhecem a brincadeira do "Elefantinho Colorido"? - perguntei.

A maioria nunca ouvira falar. Não me surpreendi. Geralmente era assim mesmo.

- Não tem problema, vou explicar como é a brincadeira e todos brincarão. Prestem atenção na explicação!

E comecei a dizer do que se tratava:

- Um aluno ficará no comando da brincadeira, afastado e de costas para a turma. Depois de algum tempo, dirá:

- Elefantinho Colorido!

E a turma irá responder: "Que cor?"

O aluno vai se virar, dizer uma cor e tentar pegar um aluno que não tenha conseguido tocar em algum objeto da cor. Este será o próximo "elefantinho colorido".

- Todos, entenderam? Perguntei, esperando ter de repetir, mas que nada, a resposta veio certa:

- Sim, professora.

Escolhido o primeiro a ser o "elefantinho colorido", a turma precisava se espalhar por todo o ginásio.

Não foi o que aconteceu. As crianças fizeram fila para aguardar a brincadeira.

- Fila, gente? Fila para quê?

E as crianças estavam paradinhas aguardando.

- Não seria melhor vocês se espalharem pelo ginásio, para dar tempo de encontrar a cor escolhida?

Eles estranharam.

- Vamos pessoal, vamos lá a nos espalhar pelo ginásio. Podemos começar a brincar?

- Elefantinho colorido, gritou o menino.

- Que cor? Perguntaram todos.

- Verde - e a correria foi geral.

Enquanto isso, fiquei mesmo pensando sobre tudo que se ensina em uma escola que nem se percebe.






Ilustração: Alexander Mattos

SEGUNDA AULA DE RÚGBI FEMININO

RUDY DA SILVA RIBEIRO



Ilustração: Anderson Mendonça



Tudo começou numa quinta-feira ensolarada de outubro. Eu tinha combinado com o professor que eu daria a minha segunda aula de rúgbi com as meninas. Entretanto, dessa vez eu faria diferente. A aula anterior fora um pouco difícil. Apresentei o esporte e expliquei técnicas demais ao invés de apresentar o esporte aos poucos e intercalar com momentos de experiência do próprio esporte.

Dessa vez, pensei muito bem. Avaliei no que eu mais gostava de praticar nesse grande e democrático esporte. Então, decidi: vou dar aula de Tackle! Como vou dar aula de técnica de tackle, porém, sem que elas tenham um contato corpóreo prévio? Não pensei duas vezes: tirei meu saco de pancadas da garagem, apostando que daria certo!

As gurias chegaram e, desconfiadas, perceberam o saco de pancadas em um canto. O olhar era de espanto. Imagino que na cabeça delas passava a idéia de que eu iria ensinar algum golpe de karatê.

Iniciei a aula com um aquecimento forte e, depois, um alongamento bem puxado. Então, pensei: "vou apresentar o saco de pancadas com um nome para descontrair, mas que nome vou usar?". Talvez uma delas tenha lido meu pensamento porque do fundo da quadra gritou:

- Jack!

Então eu o apresentei:

- Turma, eis Jack, o saco de pancadas!

Na escola tem grandes colchões para as aulas de ginástica olímpica. Posicionei o Jack de forma que as meninas não viessem a se machucar em contato direto com o piso de cimento.

E o que me deixou mais empolgado foi que todas participaram da experiência. Vivenciamos algo diferente e, de fato, as meninas ficaram empolgadas com o Jack. E eu? Acho que estou em um bom caminho para ser um professor, porque mostrar algo diferente é positivo, mas acrescentar à aula o lúdico e favorecer a compreensão de um esporte pouco conhecido é mais gratificante ainda.

UM ALUNO FIEL

LÍLIAN ROSA

A falta de motivação para ir à nova escola era fato. O que a fazia manter a decisão tomada era a aposentadoria em breve. Três longos anos mais de trabalho, pensava ela, para ter o descanso merecido.

Na chegada, a diretora lhe informou sua turma. Trabalharia com um quinto ano de repetentes. Indicou o caminho e disse que não seria fácil.

- Acho que precisarei de sorte - respondeu a professora. E, como gostava de fazer em anos anteriores, ficou pensando na cor da sala que frequentaria por mais um ano letivo. Viu 26 rostos. Aquele cinza na parede, anunciando um vazio a ser preenchido, aguardava-a, pensou!

Fez a chamada, apresentou-se e começou a aula, sem ânimo.

Naquele mar de olhos inexpressivos, dois lhe surpreenderam. Eram duas bolinhas castanhas vivas, expressivas, prestando à atenção a cada palavra ou gesto seu.

Não é possível - pensou ela -, mas os olhos a seguiam por toda sala, mesmo nas suas tentativas de desviá-los. Era um cãozinho, sentado ao fundo, com as orelhas mais estranhas e atentas que já vira.

Parece um Gremlin, pensou. Só rindo dessa situação, pois chorar não faria o tempo passar mais rápido. O único ser naquela sala a estar atento era um cachorro. Então, resolveu saber mais dele: afinal adorava cachorros.

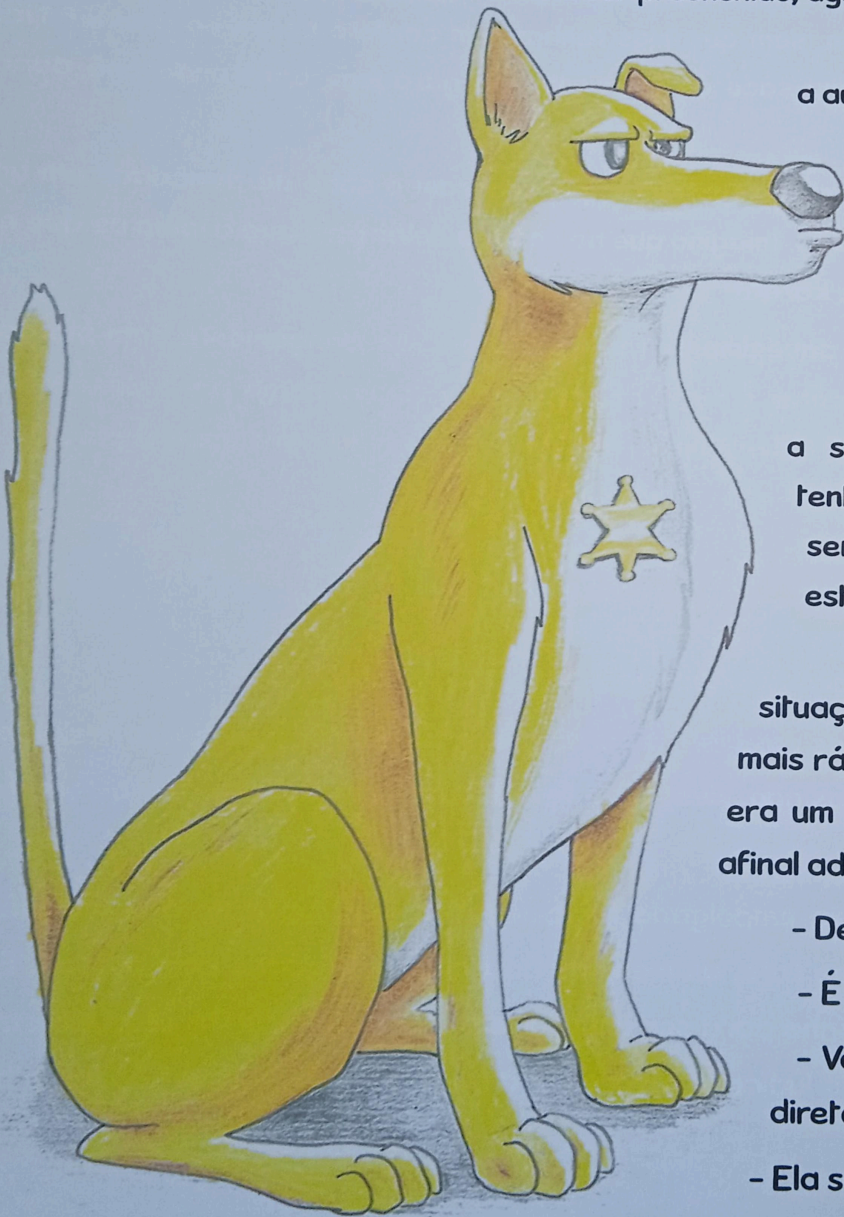
- De quem é esse cão?

- É do Nicolas. Ele é o melhor aluno, "sora"!

- Vocês têm senso de humor e riem, que legal! diretora sabe que um cachorro está na sala?

- Ela sabe, mas nem se importa. Toca essa porr....

- Quietos! Sem palavrões na sala, disse a professora.



um tanto irritada.

Xerife, sim, ele tinha nome: Xerife da Silva, latiu repreendendo também o aluno.

- E cadê o Nicolas da Silva?

- Ihhh, "sora" essa é a parte triste, o Nicolas, o Pica-pau, está no hospital depois de se meter com uns trafica da pesada. Os cara pegaram ele, deram uma coça lá no canto do muro. O Xerife ficou desesperado, mas fechamos a porta. Ia virar cachorro frio. Faz dois meses que Nicolas não vem à aula.

- Aí, "sora"; o Xerife fica aqui.

- E quem cuida dele depois da aula?

- Todo dia um vai com ele para casa dizendo que vai encontrar o Pica-pau.

Ao ouvir o apelido do dono, as orelhas ficam de pé.

- Viu só? É assim! Ele é mais esperto do que nós.

A professora resolveu aproveitar para falar de animais domésticos e selvagens, um dos temas de Ciências daquele ano. E se não fosse, seria. Xerife até se sentiu prestigiado e exemplificava o conteúdo quando a professora achava necessário. E os mais de cinquenta olhos de tons acinzentados ganharam força e expressão. A sala ficou de um azul claro acinzentado envolvente.

A manhã passou rápida. No dia seguinte Xerife estava na porta. Ao entrar na sala, ela o encarou e em silêncio foi para seu lugar. Naquele dia o tema foi o caos da saúde e o drama dos que necessitam assistência médica na cidade. O assunto virava e mexia, voltava: a surra do Nicolas.

Os dias seguiram. Quando um aluno estava mais desatento, a professora só indicava e Xerife com a pata exigia atenção na explicação. Quando um ou outro era mais agressivo ou incomodava, latia brabo. Desarmava qualquer atitude inapropriada na aula. Foi promovido a professor canino adjunto e dicionários foram abertos para descobrir o significado de adjunto. Pensaram até em trocar o nome do Xerife para Adjunto, mas numa votação - e, claro, entrou o tema das eleições - se respeitou o nome dado por seu dono.

Era outra a sala de aula, dizia a diretora. Certamente assim pensava Xerife, que tinha que conviver com a saudade de Nicolas. E que cor de sala é essa, pensou a professora.

- A cor da sala é a da cor do Xerife!

Ele agradeceu a homenagem.

Ilustração: Anderson Mendonça

UMA NOVA EXPERIÊNCIA

SÍLVIA GARCIA DE FREITAS

Escola de periferia, alunos carentes. Uma sexta série com trinta e quatro alunos, diferentes problemas. Resultado: desmotivação.

Primeiro trimestre. Língua portuguesa. Repetição, revisão do conteúdo da quinta-série para que os estudantes pudessem avançar, trabalhar no conteúdo e habilidades da sexta. Conteúdo em aula, explicado com calma, muitos exercícios, uma prova. Triste o resultado. Como se nunca tivessem ouvido falar sobre o que havia sido estudado na metade do trimestre. Na professora, viam-se os sentimentos de decepção, a angústia, a tristeza e a sensação de incapacidade, de impotência. O que fazer?

Em pequenas conversas com colegas, tinha-se a impressão de que não havia nada a fazer.

Na busca de alternativas, veio uma ideia antiga: prova assinada! Entregar as provas, corrigir, debater as questões, o que sempre se faz, e mandar os alunos passarem toda a prova a limpo e trazerem assinadas pelos pais ou responsáveis. Resultado da ação: um grupo de alunos em pânico!

No dia seguinte, com as provas passadas a limpo e assinadas, vieram a cobrança dos pais por melhores resultados e a parceria de duas mães na hora do estudo. A professora, considerando-se uma carrasca, disse aos alunos que não permitiria que eles fossem aprovados sem saber, ou seja, teriam de estudar, deixar de lado o computador, a televisão, as brincadeiras e o que mais pudesse tirar a atenção deles. Eles deveriam estudar.

Na segunda avaliação, os resultados foram melhores, especialmente em seus sorrisos.

– Viu, “sora”, minha nota melhorou!

- Que legal, essa vou gostar de mostrar para minha mãe!

-Agora vou estudar sempre!

A mesma exigência: a correção, prova passada a limpo, assinatura dos responsáveis.

Última avaliação do trimestre: prova de recuperação, oferecida a todos que quisessem fazer para tentar aumentar sua média.

O resultado foi emocionante. A professora, antes preocupada por ter sido exigente em excesso, agora queria contar a todos os colegas o resultado obtido com a turma. A sensação de vitória nesta pequena batalha fez repensar as vezes em que deixou de exigir por acreditar que seus alunos eram incapazes.



Ilustração: Anderson Mendonça

A DÚVIDA DE CÍCERO

VANESSA GIL

Em um reino distante, na Idade Média, Cícero caminhava até a Escola Palatina para ter sua primeira aula. A escola era um lugar agradável, onde o professor Gaspar lhe ensinava sobre as disciplinas reais. Dentre elas, a astronomia e a música eram suas favoritas, mas, como todo adolescente, não importa em que época da história se encontre, não gosta de uma disciplina ou outra. Para Cícero, era difícil engolir a orientação religiosa e doutrinal que a Igreja impunha a todos.

Cícero era um garoto nobre, alegre, sagaz e muito curioso, que passava seus dias a observar o comportamento dos animais, humanos e da natureza. Tudo que via o intrigava, até mesmo o jeito como as formigas recolhiam comida e a levavam para o formigueiro. Nada escapava de seus olhos verdes e atentos.

Certo dia, em uma de suas aulas, o professor Gaspar ensinava a sua turma de treze alunos sobre como o céu girava em torno da Terra. Ao final da explanação de Gaspar, Cícero disse:

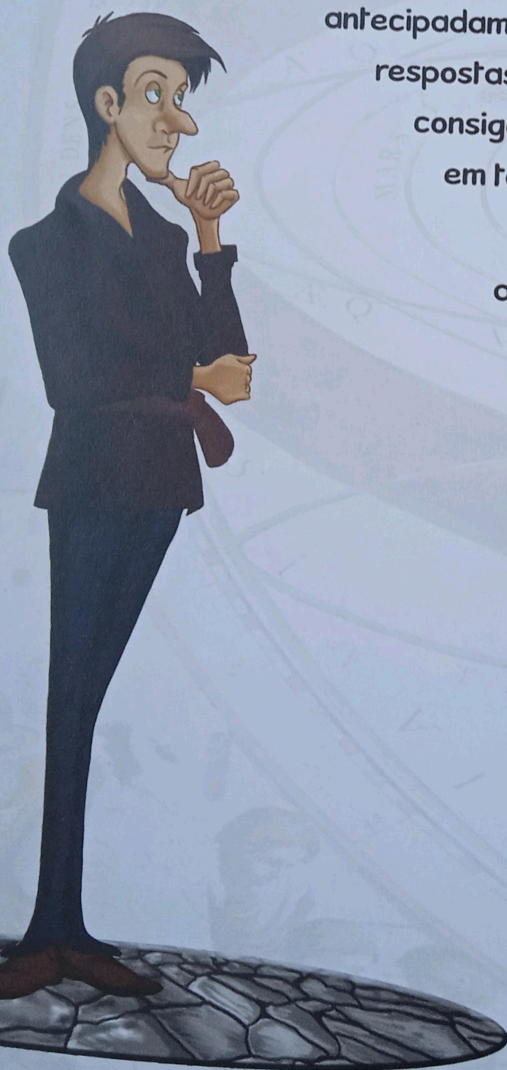
– Senhor, meus pais já haviam me falado sobre isso antecipadamente. Observo o céu todos os dias procurando respostas que acabem com as minhas inquietações. Não consigo acreditar nesse modelo geocêntrico, onde o céu gira em torno da Terra. Que sentido faria isso?

Gaspar ficou chocado. A maioria de seus alunos aceitava o que ele dizia como verdade absoluta. O respeito havia virado submissão e a curiosidade não adentrava aquele recinto havia muito tempo. O professor então disse:

– Querido discípulo, é claro que isso é verdade. Os estudiosos da Igreja nos garantiram, além disso, por que Deus mandaria seu filho para um lugar qualquer e não para o centro do universo?

Cícero inconformado perguntou novamente:

– Mas senhor, por que existem sete estrelas andarilhas que bagunçam o movimento dos astros? Esse fato coloca em dúvida esse modelo. O senhor não concorda comigo?



Gaspar não sabia mais como responder as perguntas do menino. Parou por alguns instantes. O chão de madeira que rangia enquanto ele balançava os pés a espera de alguma ideia brilhante. Minutos depois, eis que ela surge e com uma expressão de satisfação começa a falar:

– Meu jovem, hoje você me surpreendeu. Ninguém havia me provocado dessa maneira antes. Acredito que até este exato momento, não sabia o que era ser professor. Depois de anos, isso mesmo, anos, alguém veio com ideias novas. Mirabolantes, certo, mas novas! Farei um acordo com você, certo? Estudaremos sobre isso a partir de hoje. Quero que cada um de vocês faça um trabalho explicando se acredita ou não no modelo geocêntrico a partir de fatos que provem seus argumentos. Discutiremos isso na próxima semana.

Então, nesse processo de análise e crítica, pensamentos evoluíram, conclusões foram tomadas e novas perguntas surgiram. Aquele pequeno grupo encontrou erros antes despercebidos no modelo. Procurou novas explicações para o que haviam produzido. Gaspar fez, de seus alunos, pensadores. Cícero teria gostado de saber que o geocentrismo era falho e que suas inquietações tinham fundamento.



Ilustração: Sandro Kisner

O QUE OS OLHOS DOS PROFESSORES NÃO VÊEM!

HEIDER BORGES GASPAR

Aquele guri já decidira: faria Física. Era conhecido por seu gosto pelas coisas da Física.

O professor deu um trabalho para turma e isso exigia ter de resolver as questões solicitadas no fim de semana. E quem gostaria de passar o fim de semana fazendo trabalho da escola? Foi quando um de seus colegas se virou para o guri e disse:

- Mas bá, tchê, será que tu não gostarias de fazer esse trabalho pra mim? Te pago por ele.

- É claro que faço, respondeu prontamente.

No final da manhã, o guri já tinha mais de dez trabalhos para fazer. Seria mesmo uma trabalheira, mas foi mais fácil do que pensara.



No final do mesmo dia, já havia acabado a tarefa que lhe renderia R\$ 65,00.

Tinha até escrito cada um com letras diferentes. A ordem de resolução das questões variava. Tinha feito um trabalho gabarito para que o professor não percebesse a fraude.

Demorou até chegar o dia dos resultados. As semelhanças dos trabalhos não foram percebidas. Nota máxima em todos eles!



Ilustração: Sandro Kisner

O GIRAMUNDO

ANDERSON PIRES DE SOUZA

Elisa chegara recentemente para trabalhar como professora de uma terceira série, na escola "Caminho do Saber". Gostava de falar sobre vários assuntos e, para que seus alunos aprendessem, buscava aplicar conhecimentos construídos em anos de estudo. Foi assim que apareceu Giramundo, um balão gigante desenhado em um não menos imenso painel.

Giramundo trazia novidades, curiosidades e a cultura dos povos habitantes da Terra para aquela sala de aula. Quando os alunos tinham alguma especial curiosidade sobre qualquer tema que fosse, a Giramundo perguntavam. Assim, ora ele respondia sobre culinária ora sobre as lendas do lugar, as crenças, ora sobre uma distante geografia. Giramundo era mesmo sabido em tudo que a ele se perguntasse a partir das pesquisas que o personagem organizava em aula.

Em um dos dias de aula, ao chegar a hora do recreio, Elisa constatou que a porta da sala de aula não abria. Todas as tentativas foram feitas e nada! A porta estava emperrada. Depois de tentar abri-la com a ajuda das crianças, a professora viu que, naquele momento, nada poderia fazer. Então reconheceu:

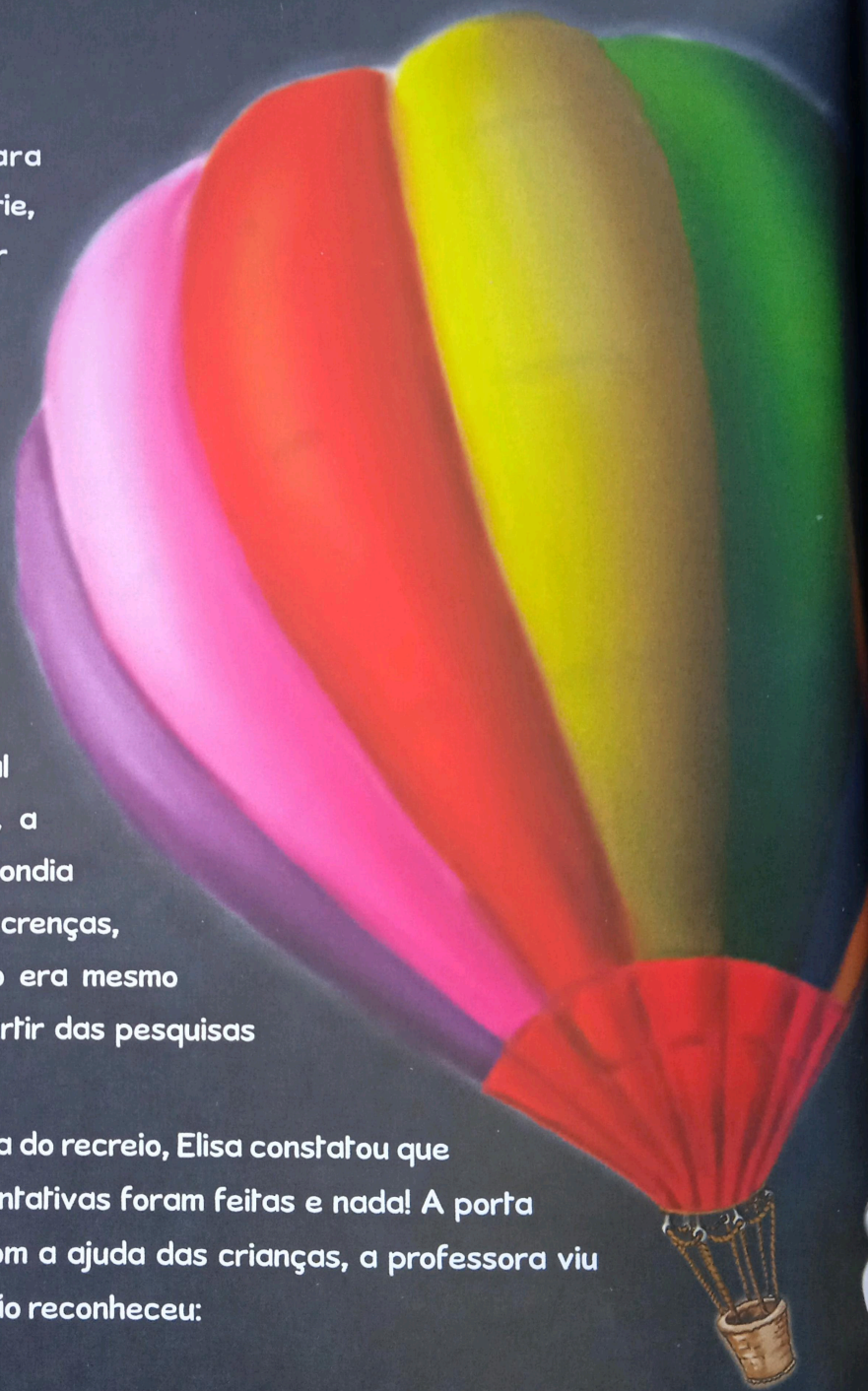
- Ficamos trancados!

Foi quando seu aluno André sugeriu:

- Professora, pergunta ao Giramundo! Quem sabe ele tem a solução?

Elisa respondeu:

- Não André, infelizmente o Giramundo nada pode fazer por nós.



André era um menino levado! Sentava-se na frente da mesa da professora, mas era eficiente na conversa. Consequia conversar com os colegas do fundo, do meio e da frente da sala de aula, o que quase fazia Elisa arrancar os cabelos para manter a turma mais atenta. E para isso era preciso aquietá-lo.

André, por sua vez, depois de muito pensar para não perder um minuto do tão almejado recreio, disse à professora e a seus colegas:

- Eu tenho a solução! Como não pensamos nisso antes?

Elisa, então, perguntou:

- Qual solução, André?

André diz:

- Vou mostrar a vocês!

André foi até a porta da sala de aula, colocou as mãos na boca em forma de cone, mirou o buraco da fechadura inexistente e gritou:

- SOCORRO! ALGUÉM METIRE DAQUI!

E na escola foi aquele alvoroço. Em um corredor de escola nem tão silencioso, como nós, professores bem sabemos, uma voz de criança gritando por socorro é impressionante.

Elisa quase morreu de vergonha e toda a turma caiu na gargalhada, mas, é claro, logo apareceu o professor da sala ao lado para acudir quem estava gritando.

Então, André disse:

- Viu só, tia, como eu tinha a solução?



Ilustração: Alexander Mattos

O LÁPIS

SANDRIELE ROCKE DE SOUZA

O mesmo tempo que um lápis levou para cair da mesa no chão fez tudomudar. Mas pode um instante mudar a vida de alguém? Um segundo significar mais do que dias, horas e meses? É provável que, simultaneamente à queda do lápis no chão, alguém estivesse respirando pela última vez no mundo e outro pela primeira vez. Quem sabe alguém tenha acabado de virar as costas para o fogão e o leite ferveu, derramando com o cheiro característico de queimado e apagando o fogo. Na mesma sala que Daniel estava alguém fazia qualquer coisa, naquele momento, insignificante. Um instante pode, então, ser decisivo ou desprezível.

Daniel estava no chão e via o lápis cair. Olhava para a professora e quando o lápis encontrou o chão, ele pensava o quanto ela poderia ter feito a mais. A professora estava de costas e, como os demais, não viu o movimento do lápis, apenas passava o resto do dever e pensava em ir para casa e encontrar o seu marido.

Por que um instante mudara a vida de Daniel e por que fora mais importante que seus 12 anos? Não tinha problemas de grana, de falta de brinquedos nem falta de atenção. Ele tinha pai e mãe, um irmão e duas babás instruídas que o amavam como filho. Estava na melhor escola da cidade e seus professores também eram excelentes. Daniel era inteligente e bonito. Mas ele se incomodava. Você não pode imaginar o que o incomodava, pode?

A professora, por seu lado, pensava que os seus alunos estavam felizes e tinha certeza de seus futuros brilhantes. Eram crianças que nem sabiam o que era problema, mas Daniel sabia e não só sabia como tinha um problema.

Antes daquele dia de Daniel sentado no chão e da queda do lápis, ele acreditava ser feliz, embora notasse em si mesmo uma parte faltando e alguma coisa sumindo. Diariamente, à noite, antes da queda do lápis, ele pensava o que poderia fazer com sua vida. As possibilidades eram tantas... Mas agora, vendo o mundo do chão, isso já não lhe preocupava.



O que Daniel queria? Nem ele sabia. Apenas sabia que queria alguma coisa e que essa coisa ainda não tinha se revelado, e enquanto isso, deixava que outros decidissem sobre a roupa a vestir, onde estudar e quem seriam seus amigos. Não! Os pais não o obrigavam a ter determinados amigos, mas você sabe de quem convém ser amigo e de quem não, você aprende desde criança como agradar seus pais, seus professores, seus amigos e até quem você não conhece. O que você não aprende, muitas vezes, é como agradar a si mesmo. Daniel não sabia o que o agradava.

Foi no instante do lápis que Daniel percebeu que sua postura poderia lhe trazer uma vida muito respeitada, mas não a sua, decidiu mudar e dedicar seus dias a saber o que o agradava, o que poderia fazê-lo feliz e, assim, ir construindo o seu caminho. O instante mudou Daniel, seu caminho e, conseqüentemente, algumas pessoas; porém, não a professora. Justo ela, não foi afetada pela mudança e, devo dizer, nem a percebia. Como você, quando come melancia e joga as sementes na terra, nunca volta para saber o que foi feito delas, não é? Mas o que desperta a minha curiosidade, e me fez observar tudo isso, é saber o que a

professora faria se percebesse o que fez, quase como quem joga sementes fora. Ao assistir a queda do lápis, Daniel mudou porque percebeu em si uma queda, e, ao perceber a queda, pensou em como poder levantar do chão.

Você só pode levantar se perceber que caiu, não é? Ele percebeu e quis levantar. O instante do lápis caindo foi como uma peça importante do seu próprio domínio, a divisão entre o antes e o depois.



A IMPORTÂNCIA DA DIFERENÇA

DENISE SEIXAS CRUZ

Havia uma gráfica que produzia cadernos. Certo dia, aconteceu algo inusitado. Uma das máquinas teve uma falha. Surgiu um caderno com gene incorreto, inadequado ao mercado consumidor com seus diferentes cadernos e tipos de capa.

O dono da gráfica, irritado ao saber disso, pediu aos seus funcionários para separá-lo dos demais com urgência. De modo algum poderia ser vendido. Faria propaganda negativa de sua marca consolidada. E isso bem no início do ano! Que azar! Durante um bom tempo ele ficou esquecido, em um canto qualquer da gráfica até que se precisou de espaço para novos cadernos. Precisavam urgentemente se livrar do caderno torto! Assim, uma instituição de ensino e um grupo de professores e estudantes resolveram adotá-lo. Ficou definido. Isto é, combinado. Iriam nele escrever idéias, textos, reflexões sobre o que andavam fazendo.

Em cada casa que chegava, era aberto, lido e folheado. Os outros cadernos começaram a se manifestar:

- Ele é diferente!
- Tem folhas que não possuem linhas!
- Outras folhas tem linhas incompletas!
- Acho que é aleijado!
- Ou seria deficiente?

Outras vezes os cadernos se entreolhavam e riam compulsivamente. Alguns falavam:

- Quem vai querer um caderno defeituoso?!

O coitado do caderno permanecia triste, solitário e desiludido.

Um velho e sábio caderno o encontrou e disse:

- Não fiques triste e aborrecido. Esse problema, falha que aconteceu durante a sua produção, não deve ser um obstáculo para o teu desempenho profissional. Precisas superar, confiar na tua capacidade. Assim, o caderno ficou a meditar.

Aos poucos, idéias, textos, desenhos, colagens, declarações começaram a se multiplicar naquele caderno. Cada vez que ele era aberto e folheado, os outros se perguntavam:

- Como ele, defeituoso esta mais escrito que nos?

O tempo passou. Então, em um determinado dia, o caderno diferente chegou com uma novidade para

seu velho amigo caderno:

- Estive lendo o que as pessoas escreveram e percebi que todos têm problemas, dificuldades e diferenças. Ao mesmo tempo, senti que fui importante, pois me tornei um confidente para esse grupo. Agora não sou um caderno defeituoso. Sou um diário coletivo do PIBID de Geografia.



Ilustração: Alexander Mattos
Cores: Sandro Kisner

O TREM

PAULO ROBERTO MARTINS DE OLIVEIRA

Esta é a história de um trem, o trem da educação. Este trem dá sua partida sempre que tem gente disposta a ensinar e gente a fim de aprender.

Mais ou menos no meio do ano, a professora Claudinha passou por todas as salas do curso de Geografia anunciando:

- "Ói, ói" o trem, vem passando na Geografia para te chamar.
- Vem, vem para o trem.
- Que partiraaaaaaá...

Então, lá estava anunciada a partida do trem para uma viagem emocionante: doze alunos e alunas aprendizes, duas professoras supervisoras, uma aluna para ajudar na coordenação e uma professora coordenadora para nos orientar em roda de conversas no vagão da aprendizagem. Todos nos trilhos!

Chegou à hora e o trem partiu Piii... Biii... Diii!

A cada dia, várias pessoas embarcam no trem da educação no decorrer de suas vidas, enquanto outros nem podem perceber o trem. Muitas não descem nunca mais, outras se cansam e pelo caminho desembarcam. E a educação ora ganha e ora perde bons professores e aprendizes.

No trem desde a partida, sempre há encontros, discussão e duas estações no percurso: estação Lília e estação França. E há outros vagões com passageiros da Matemática, da Física, da História, da Pedagogia, das Artes em outras estações, além de vagões para os alunos da educação básica e do ensino médio.

Na estação França, cinco colegas e eu descemos com a professora e realizamos as atividades propostas nas rodas de conversa.

Na estação Lília são outros a descer, acompanhados também de uma professora elétrica para desenvolverem por lá suas atividades.

Prestando atenção a que ninguém se perca de estação, nossa colega nos acompanha e ajuda na organização do trem da partida a chegada.

Semanalmente, deixamos registrados no diário de bordo, o chamado "portfólio," tudo o que achamos interessante naquela viagem.

Já é dezembro e estamos chegando ao fim da viagem neste ano Piii... Biii... Diii!

Este percurso ficou marcado pela aprendizagem, pela partilha, pelos aniversários, além de conhecimentos, com alguns quilinhos a mais devido a tanta comilança, ufa!

Mas o trem não pode parar: **Piii... Biii... Diii!**



Ilustração: Sandro Kisne

UMA VIAGEM AO MUNDO DA CERÂMICA

DAIANE ESLABÃO DA SILVA

Poderia começar essa história com o tradicional "Era uma vez", mas como contarei histórias de sujeitos reais, prefiro começar essa história lembrando como aconteceu.

Foi assim: um grupo de estudantes do curso de História fazia parte do PIBID, um grupo unido que busca uma boa formação. E a história aconteceu na turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola do interior da cidade onde residem, com uma turminha um tanto quanto agitada, mas muito dedicada e prestativa.

O que de diferente foi feito nesta turma?

Fomos viajar! E quem não gosta de viajar? Ainda mais alunos que moram em uma comunidade rural, afastada de grandes centros urbanos.

Começamos organizando a viagem. Tudo estava pronto para a partida!

Hora de iniciar a viagem: entusiasmo, atenção, concentração.

Uma viagem ao tempo, um tempo muito, muito distante, um tempo onde os povos usavam artigos de cerâmica como seu maior artefato.

Poderiam escolher entre ir a Suméria ou ao Egito?

Decidiram pelos dois, desde que desse tempo de voltar para casa na hora costumeira.

E ao visitarem esses lugares, a turma viu que em algumas coisas era muito parecido o modo de vida de sumérios e egípcios com a vida deles aí no Taim, reserva ecológica de extrema beleza.

– Bom, e por que não fazemos escavações no pátio da escola para vermos se há vestígios de povos antigos? – disse um deles.

Se não fosse a chegada do horário costumeiro de retorno, o buraco no pátio da escola teria sido grande.

Do resultado, conto o seguinte:

O grupo ficou extasiado em viajar por um mundo que já não existe mais, voando pela imaginação sem sair do seu tão conhecido lugar. Claro, tivemos que tapar o buraco no pátio da escola.



Ilustração: Diogo Dornelles



Ilustração: Alexander Mattos

Quando Sofia era pequena, brincava de escola com suas amigas. Adorava ser a professora para mandar nas suas alunas de mentirinha.

- Fiquem quietas ou vou castigá-las! Vocês são burras, não sabem fazer nada! Mais uma palavra e deixarei muitas tarefas para casa! - dizia Sofia, fingindo estar furiosa.

As amigas faziam de conta que estavam brabas com a professora que as silenciava e as xingava, mas se entretinham na brincadeira. A interpretação era contagiante. Sofia era muito pequena para entender que interpretava a própria professora. Depois, quando esteve no papel de aluna de verdade, não gostava nem um pouco que a professora a mandasse calar. Ficava furiosa com qualquer desrespeito.

A pequena e malvada professora cresceu. Tornou-se professora de verdade! Sua escolha não foi brincar de escola como fazia quando era pequena, mas Sofia lembrava bem dos exemplos que teve quando pequena e de suas brincadeiras. Não queria ser aquela professora.

Em um dia de prova, os alunos estavam concentrados. E era assim que tinha de ser, pensava. A aula, em total silêncio. Ouvia-se claramente o que se dizia na sala ao lado. Sofia ouviu uma voz em um tom de impaciência e de maldade:

- Como vocês podem ser tão burros? Está tudo errado.

Sofia, com tristeza, pensou:

- É uma pena que existam professores que ainda brinquem de escola.



QUEM SE IMPORTA?

BRUNA MILANO SCHEPERS

Ao menos, era assim que eu me via: somente mais um aluno na sala de aula, um número a mais na lista de chamada.

Digamos que a minha vida escolar nunca foi um mar de rosas. Acho que posso dizer que eu era o tipo de aluno que nenhum professor gostaria de ter. Sempre fui muito tímido, tinha inúmeros problemas em casa, passei por muitas escolas e, por essa razão, não tinha amigos. Sentia-me deslocado, como se não pertencesse a lugar nenhum. Isso poderia ser interpretado como problemas típicos de qualquer adolescente, não? Havia tantos, como eu, passando pela mesma fase e, ainda assim, sentia-me a pessoa mais solitária do mundo.

Outro ano letivo iniciava. Escola diferente, turma diferente, professores diferentes e aquela mesma sensação de não pertencer àquele lugar me acompanhava. No primeiro dia, todos me olhavam com curiosidade. Eram as minhas roupas? Meu cabelo? Ou será que era tão óbvia assim a forma como me sentia? Nunca soube. Acho que nunca saberei.

A primeira aula do ano, disso me recordo bem, foi de língua inglesa. A professora, senhora muito simpática, queria conhecer melhor a turma e sugeriu uma atividade de apresentação. Cada aluno deveria escrever um pequeno texto, contando um pouco sobre si, para ser lido na frente da classe. Pronto. Meu mundo desmoronou. Tímido como eu era, teria de falar da minha vida, uma vida que nem eu mesmo compreendia, na frente de todos aqueles estranhos? De jeito nenhum. Como mecanismo de defesa, vesti a minha armadura de adolescente rebelde e não fiz o solicitado.

Alguns minutos se passaram. Era chegada a hora da apresentação. A professora começou a chamar os alunos pelos nomes. A cada relato, ela olhava para a pessoa a sua frente, repetia seu nome pausadamente – talvez para memorizar – e dizia: “Muito interessante. Acho que agora já nos conhecemos um pouco melhor”. Com isso, ela sorria e passava para o próximo. Chegou a minha vez. A turma toda se virou para me olhar. Ainda vestindo a minha armadura, eu disse: “não fiz, professora. Quem se importa em ouvir sobre a minha vida?” Ela me olhou, abriu aquele sorriso desconcertante, repetiu o meu nome e, gentilmente, disse: “eu me importo.”

Hoje relembro esse episódio e penso no impacto que algumas palavras tiveram na minha vida. É até mesmo engraçado o que poucas palavras podem fazer com alguém. Certas pessoas deixam marcas em nossas vidas que duram uma eternidade e têm o poder de mudar o rumo das coisas. A minha professora de inglês foi uma delas. Três palavras me mudaram. Ela sabia meu nome, ao contrário de tantos outros. Ela queria me conhecer. Ela se importava. Para ela, eu não era só mais um aluno na sala de aula.

Os anos se passaram. De um garoto com problemas de relacionamento, tímido e solitário, hoje sou professor. O nome daquela professora? Já não importa mais. Seu rosto? Já desapareceu em meio a tantas memórias. O que permaneceu foi sua marca em minha vida. Todo começo de ano, faço como ela fez. Sempre tento conhecer meus alunos. Sempre me esforço ao máximo para memorizar seus nomes e, além disso, sempre tento mostrar-lhes que, para mim, cada um deles importa. Às vezes, apenas simples palavras de encorajamento podem ser tudo aquilo que um aluno quer e precisa ouvir, o que pode fazer toda a diferença.

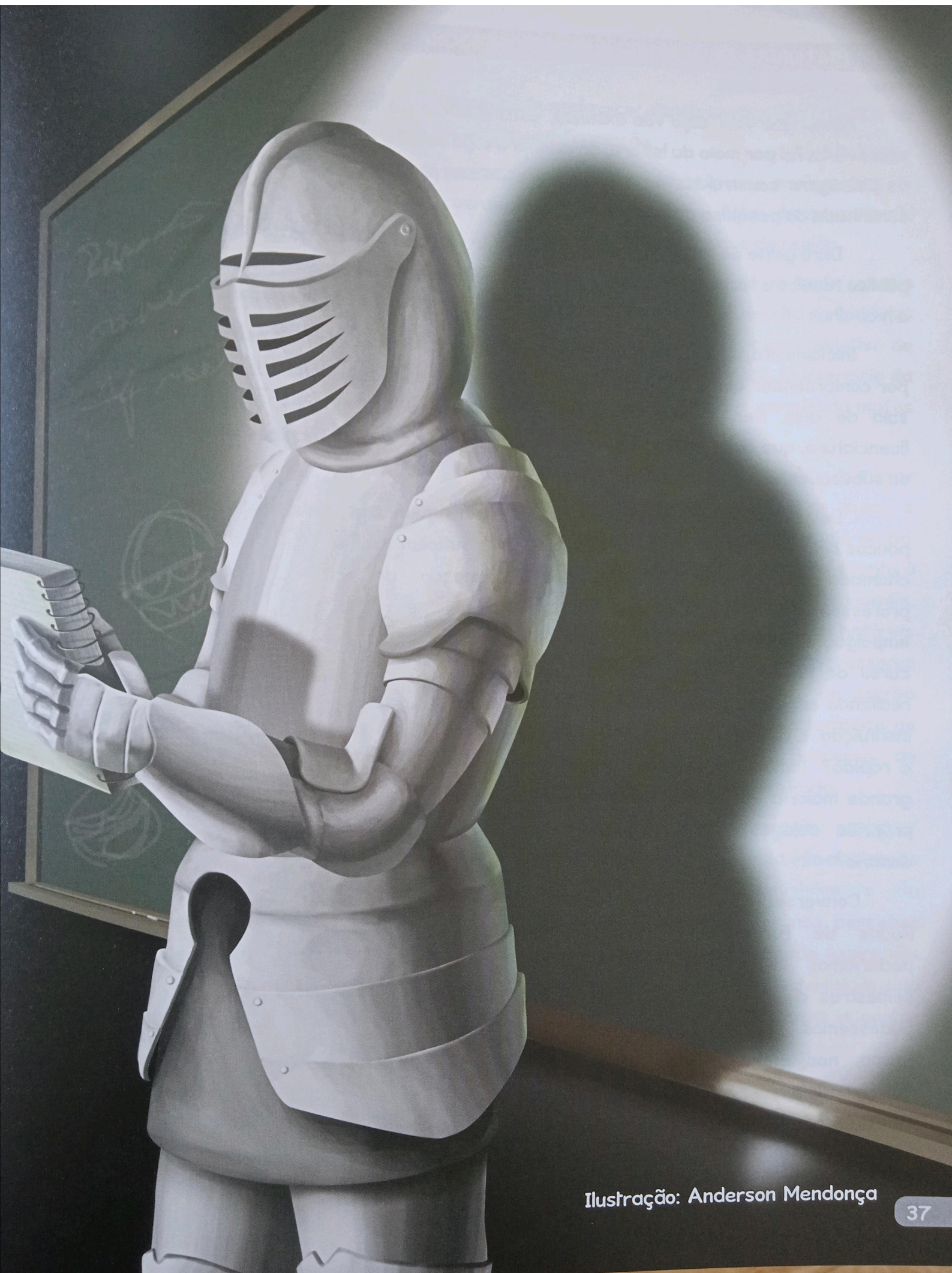


Ilustração: Anderson Mendonça

COM HISTÓRIAS SE APRENDE A SER PROFESSORA!

FERNANDA ALBUQUERQUE

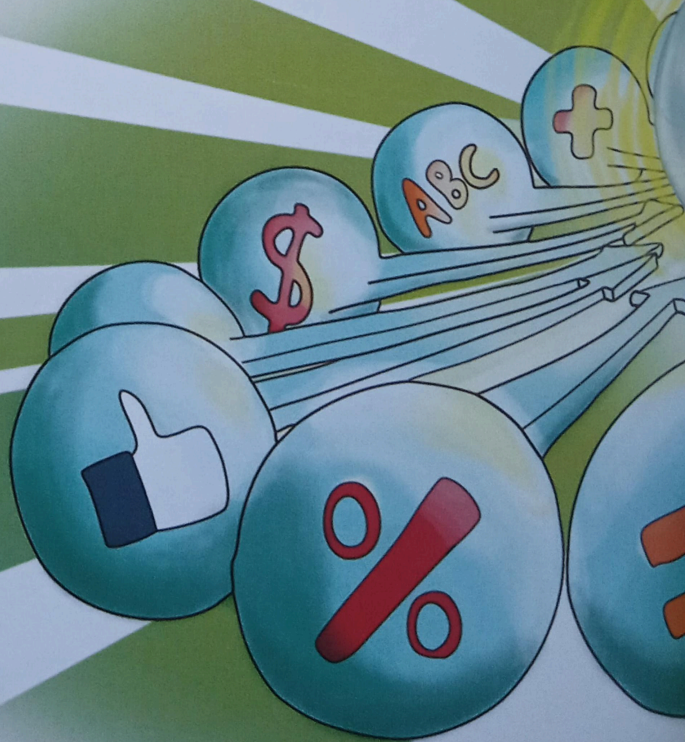
Ainda que não seja tão extensa, esta é parte da minha trajetória de professora. E justifico por que escrevê-la: foi por meio da leitura, da releitura e da escrita sobre as histórias que me dei conta da relação entre as paisagens construídas na minha tese e o meu processo de formação anterior e, sobretudo, durante a caminhada da pesquisa de doutorado.

Duro golpe de realidade: durante o doutorado, assumi o cargo de professora de uma instituição de ensino público técnico e tecnológico. Pude conhecer as diferenças entre ela e as escolas em que eu estava acostumada a trabalhar.

Inicialmente, apenas as falhas me chamavam a atenção. Além da estrutura, minha insatisfação aumentava por compreender que a formação de nós, professores recém-nomeados, era insuficiente para o trabalho em sala de aula. Dentre eles, estavam profissionais de formações diversas, distantes da licenciatura, que deveriam assumir como professores de cursos técnicos integrados ou subsequentes ao ensino médio.

Devido a minha experiência com o ensino médio, os meus poucos seis anos na escola foram considerados suficientes. Fui chamada para pensar um curso para a formação de professores. Formei um grupo. Após a reunião e empolgação inicial, percebemos o grande desafio: o curso de formação de professores deveria ser realizado em curto prazo devido à urgência da instituição. E desde quando tempo de formação é rápido? Também nos demos conta que a grande maioria dos alunos seria de nossos próprios colegas. Como enfrentar esse desafio?

Conversei com o grupo sobre as Rodas de Formação. Expliquei que poderíamos incluir disciplinas nos três semestres de duração do curso em que pudéssemos partilhar experiências. Dessa forma, nos entenderíamos como um grupo, valorizando o que cada um conhece, partilhando as dificuldades encontradas na sua sala de aula, incentivando a escrita das suas experiências, dialogando



com teóricos da educação e planejando em conjunto. Teríamos de esclarecer desde as primeiras disciplinas que nós também éramos aprendizes e, por efeito, também estávamos em formação.

Na matrícula, para a nossa surpresa, tivemos a procura de praticamente todos os professores da instituição, dentre eles: professores do ensino médio, coordenadores e o diretor. Além da procura da comunidade interna, tivemos também a matrícula de mais doze professores de cursos técnicos da região.

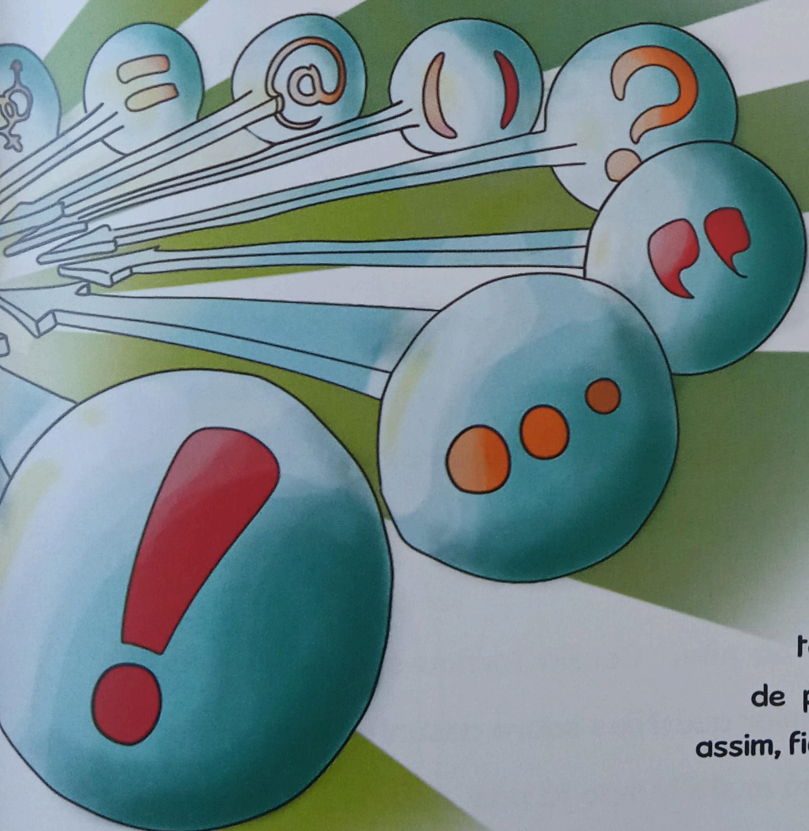
Tive medo ao estar sozinha e me apoiei nas Rodas que conhecia para propor a leitura de um texto sobre o Educar pela Pesquisa. O medo da solidão e a ousadia no coletivo impulsionaram as aulas. A escrita de histórias se manteve no semestre seguinte. Em cada início de aula, fazíamos a leitura de uma delas com o objetivo de discutir o que poderíamos aprender com o que estava sendo narrado. O exercício da escrita encontrou resistência em alguns, porém, trouxe para Roda muitos momentos de partilha.

A leitura e a discussão das histórias oportunizaram o planejamento de muitas aulas e orientaram para as necessidades daquele grupo.

Compreendi a importância do registro escrito à medida que estes foram se tornando visíveis.

A partilha dos registros - tanto as histórias do curso de formação de professores quanto o próprio movimento de escrita dessa tese - deu-me a oportunidade de reflexão sobre o meu processo de constituição profissional em Roda.

Esta é aposta de formação: escrever e ler histórias de sala de aula são alavancas importantes para o desenvolvimento da expressividade. E ao podermos nos perceber, compreendemos melhor nossa profissão. Assim, nos tornamos professores, narradores de histórias de sala de professores. Cada um tem suas histórias a contar; assim, fica o convite: conte a sua!



MENINA ESPERTA

JANE CONCEIÇÃO SILVEIRA DA SILVA

Cecília era uma menina muito tímida da sexta série do ensino fundamental. Por ser nova na escola e muito reservada, tinha poucos amigos, o que a fazia muitas vezes sentir-se excluída da turma.

Nas aulas, costumava anotar tudo, mas nada falava por medo de alguma zombaria dos colegas com suas inúmeras indagações.

Atenta, a professora Lu notou o jeito da menina. O que mais impressionava era seu caderno. Cecília não apenas copiava as lições; ao estudar, fazia anotações sobre o que havia estudado. Seu caderno era repleto de escritas, frases ditas pela professora durante a aula, dúvidas marcadas por linhas coloridas, conclusões pessoais e muitas, mas muitas questões formuladas pela própria aluna. Seguidamente, Lu pedia o caderno de Cecília e admirava o que lá encontrava: a lógica do pensamento matemático era precisa.

Lu, então, incentivou Cecília a expor suas idéias e suas dúvidas sem que ela própria percebesse, em doses pequenas, suportáveis a uma menina tão tímida. A menina foi aprendendo a romper com seu silêncio e foi conquistando a todos. Suas idéias eram discutidas e a forma como expressava suas dúvidas era clara, o que ajudava a professora a entender as dificuldades da turma, pois um e outro depois de Cecília dizia que também não havia entendido.

Por causa dessa experiência, ou não, Cecília tornou-se professora de Matemática. Sabia desde menina formular questões sobre assuntos complicados na linguagem dos alunos, pois para ela há muito tempo já não era tão difícil fazer-se entender.



Ilustração: Diogo Dornelles

APRENDENDO COM A GUERRA DAS BOLINHAS

JÉSSICA VAZ

Quando estava na sexta série, Eduarda teve uma aula de Matemática que nunca esqueceu. A professora de Educação Física havia faltado, o pátio da escola era descoberto e o tempo estava chuvoso, por isso a turma da menina não fez a aula de que tanto gostava.

Para tristeza das crianças, a professora Rosa foi substituir as atividades físicas com sua aula de Matemática. Assim que Rosa entrou na sala, veio acompanhada de outra turma de sexta série, a mais bagunceira da escola. Logo que Rosa iniciou a aula com suas duas turmas, começou também uma guerra de bolinhas entre os alunos. A professora tentava acalmar a gurizada, pedia colaboração, mas nada adiantava. Vendo que a professora estava chateada com as atitudes dos colegas, Eduarda foi falar com a professora e sugeriu uma brincadeira inserindo o conteúdo. Ao reconhecer que a aluna teve uma boa idéia, Rosa optou por transformar sua aula no jogo de bolinhas de papel. Todos se animaram.

Cada aluno tinha duas bolinhas de papel, uma vermelha (negativa) e outra azul (positiva), um aluno de cada vez posicionado na frente do



quadro jogava as bolinhas em direção ao fundo da sala, media a distância entre sua posição e a bolinha, atribuía os devidos sinais (positivo e negativo) e calculava o resultado. Foi uma atividade simples, em que as crianças encontraram motivação para realizar operações com números inteiros. A professora Rosa nunca imaginara que aquela aula poderia dar certo, mas, para sua surpresa, foi um sucesso. As duas turmas adoraram aprender brincando.

Depois dessa aula, Eduarda começou a se interessar em ser professora de Matemática.

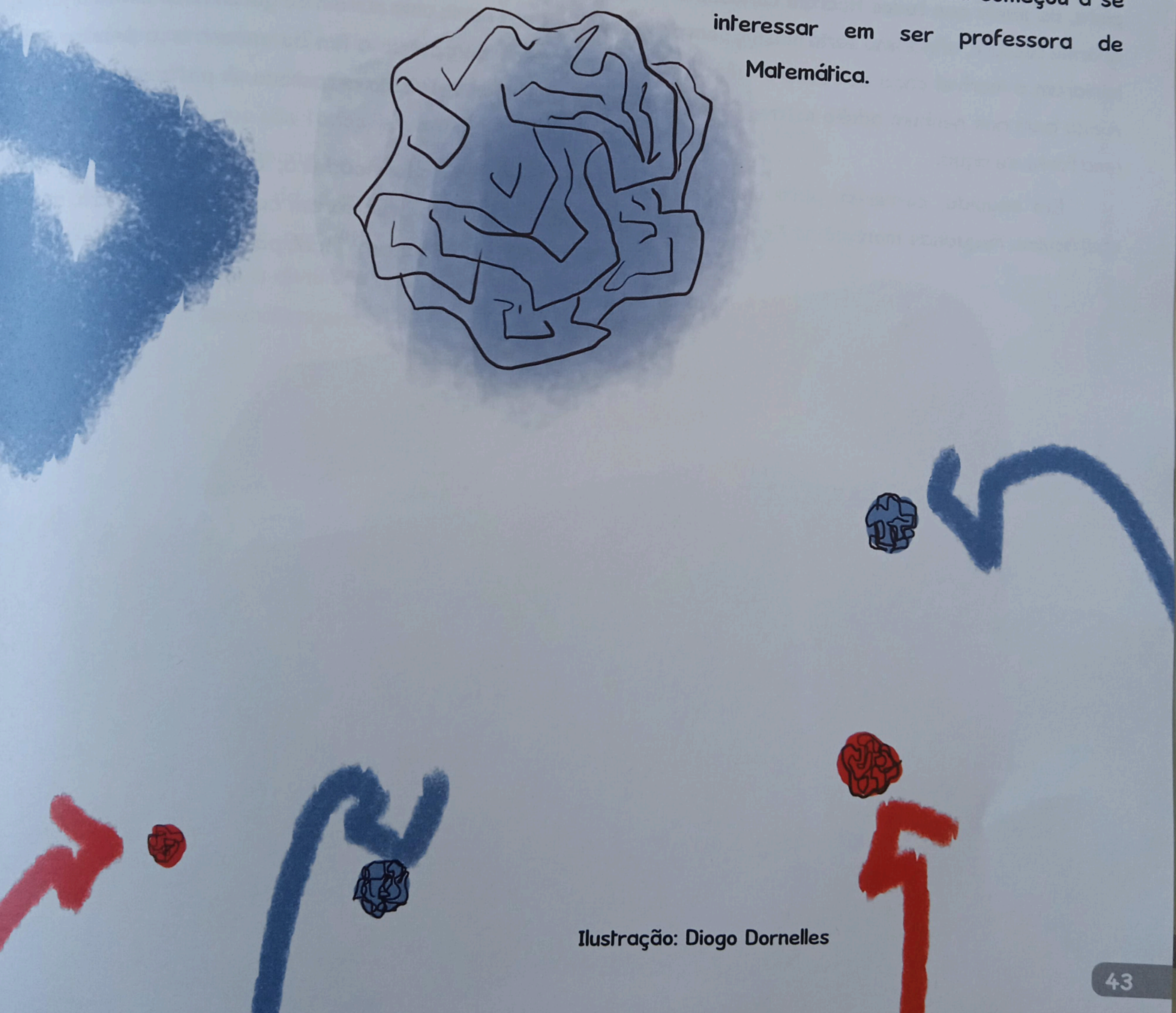


Ilustração: Diogo Dornelles

A CAÇA AO TESOURO

DEISE GOMES DA COSTA

Num lugar não muito distante daqui, existia um castelo encantado onde moram diferentes seres vivos, das mais variadas espécies. Alguns eram adultos e outros, mais jovens. Não era assim um castelo tão lindo como os que aparecem nas revistas de contos de fadas nem assombrado como nas histórias macabras. Era um castelo até meio desengonçado, com mobília nem tão nova, feito para um lugar mais quente e quando chegava o frio todos tiritavam, mas não é disso que trata a história. O que vou contar sobre este castelo tem a ver com um grupo de seres vivos muito especial, formado por juvenis que faziam muito barulho.

Não por acaso, mas por causa de um jovem ser vivo da espécie, o grupo encontrou um mapa com uma pista, de modo que todos ficaram curiosos e resolveram seguir os indícios. Poderia ser que encontrassem um enorme tesouro, afinal isso seria mesmo bom para todos. Quase como uma nuvem de gafanhotos em euforia, eles iniciaram a incrível caça ao tesouro. Desceram as escadarias do castelo a fim de encontrar a próxima pista. Ainda bem que nenhum adulto estava por aí a subir as escadas. Teria sido arrastado. A pista estava perto de uma fonte de água.

Em seguida, correram para um local onde quem manda é a brincadeira, que os levou a enfrentar obstáculos. Pequenas montanhas tiveram de ser escaladas e quando precisaram cuidar da natureza, assim o fizeram, limpando o local, para não deixar vestígios.



De pista em pista, chegaram a um local um tanto mágico, onde existe um mago que cuida da terra, semeia e torna possível colher legumes e verduras para alimentar os juvenis. É a horta do mago Saulo.

Tinham certeza, era lá que estava escondido o tesouro e quase fizeram um desastre nos canteiros bem cuidados ao se separarem em busca de um sinal de identificação do local tão procurado.

Foi quando enxergaram um enorme "X" no chão, ou será que era "S" de Saulo? Então, iniciaram imediatamente a cavar, para apreensão do Mago, que a tudo observava em silêncio, mas atento. A empolgação foi geral e, quando encontraram, parecia que iam explodir de tanta felicidade. Desse modo, abriram o baú e lá estava o amigo do rei, bem novinho, querendo levar esses juvenis para outros mundos.

O amigo do rei apresentou-lhes Matias e IoIo, dois grandes amigos, muito diferentes um do outro, mas mais que tudo para os dois a amizade que contava. Com isso, os juvenis voltaram para seu quarto no castelo dizendo que é preciso acreditar em seus sonhos, sem desistir e que são todos iguais e por isso é preciso que se respeitem as diferenças de cada um. E foi assim que, através da curiosidade e da imaginação, essa criançada descobriu um tesouro que permitiu a todos viajar pelo mundo da leitura, em que a diversão e a emoção sempre podem levar a muitas aprendizagens.



O BEBÊ MENINO

PATRÍCIA ROSA DE ANDRADE
QUERES

Mais uma das muitas surpresas estava por vir.

Chegamos à sala de aula, elas e eu, num total de sete crianças.

O grupo estava reduzido naquele dia, pois chovia muito. E, quando chovia, era fato: muitos não conseguiam vir à escola. Se éramos em número reduzido, as possibilidades de aprender não. Seguíamos a rotina costumeira do início da tarde.

Chegamos à sala, sentamos em roda, a famosa rodinha, e conversamos bastante sobre nossos acontecimentos. E chegou a hora que elas tanto gostavam: a hora do conto. Foi quando percebi que tinha algo diferente na sala. As crianças riam descontroladamente.

- O que está acontecendo? Tem alguma coisa diferente na professora? Do que vocês estão rindo? - quis eu saber.

As respostas eram apenas risos seguidos de risos. Eu estava sentada no chão, virada de costas para a mesa da professora. Na mesa havia colocado bolsa, chaves, telefone, touca, casaco, luvas. A escola era mesmo fria, mas a criançada me aquecia.

Naquele dia, alguém mais estava na mesa: havia um bebê pelado. Detalhe: estava com tudo de fora e aparecendo para a criançada ver. Aí eu entendi o motivo de tanta risada.

Peguei o boneco e iniciamos uma conversa sobre meninos e meninas. Eles não falavam, apenas riam. Percebi o grupo tímido, algo que não presenciava desde que começamos a trabalhar juntos. Expliquei que o menino fazia xixi de uma maneira diferente da menina, e que nós, somos diferentes, meninos e meninas. Todos manusearam o boneco, olhando-se, e ainda assim continuavam rindo.

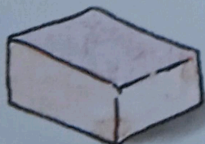




Ilustração: Anderson Mendonça

ALEGRIA DE VIVER

ANGELA CLECI BUENO RIZZO

Mais um dia de aula de língua portuguesa. Os alunos devem escrever uma história sobre suas vidas. O aluno Crystofer me chama e diz:

– “Sora”, posso começar a contar minha história desde o dia em que a minha mãe sentiu as dores do parto?

– Claro, Crystofer, conta tudo que consideres importante sobre tua vida – respondo. Antes mesmo de iniciar a escrita, o aluno começa a me contar sua biografia.

– Foi assim: meu pai estava viajando a trabalho logo no dia que minha mãe sentiu as dores. Somente meu tio estava em casa; então, ele levou minha mãe para o hospital. Sabe, “Sora”, minha mãe conta que esse foi um dia muito especial. Eu sou o filho mais velho e ela queria muito ter um menino.

E Crystofer vai me contando os detalhes com muita alegria, agita as mãos e seus olhinhos brilham. Animado, ele continua:

– Sabe “Sora”, eu tive dificuldade para nascer, tiveram que me “puxar a ferro”. Minha mãe disse que o médico e as enfermeiras ficaram assustados porque eu não queria chorar. Sabe, né, a primeira coisa que os bebês fazem quando nascem é botar a boca no mundo. Ah! Não sei por que eu



não queria! Aliás, até hoje não gosto de chorar, minha vida é alegre e eu gosto de rir.

E Crystofer segue em sua história:

– Bom, mas ficou tudo bem, eu fui para casa e todos os parentes foram nos visitar para me conhecer. Quando nasceu meu irmão, também foi assim; nascer é coisa importante, né, “Sora”? Todos ficam felizes, é que nem dia de aniversário, só que não tem bolo.

– Então, quando fiz um mês, meu pai foi junto com minha mãe me levar para o médico, ele me examinou e disse:

– Vocês já perceberam que o filho de vocês é diferente dos outros bebês?

A mãe respondeu tranquilamente:

– Ah, sim doutor, nós já vimos que ele tem um olhinho preguiçoso, com o outro pisca normal, mas com esse parece que se esquece de piscar.

O médico, então, disse:

– Não é só disso que estou falando, é preciso que saibam que o filho de vocês nasceu com Síndrome de Noonan.

O que mais me chamava atenção era a forma como o menino falava. O Crystofer é um aluno extremamente espontâneo e extrovertido, e se mantinha assim enquanto dizia:

– Bom, “Sora”, sabe que depois que eu nasci a vida da minha família mudou muito. Por causa do meu tratamento nós precisamos ir muitas vezes a Porto Alegre, já fiz algumas cirurgias. Eu tenho um probleminha no coração e tenho ainda de fazer cirurgia no olho e também trato da fraqueza dos ossos e ainda outras coisinhas.

Eu fiquei meio sem ação, mas, para “dar uma força”, disse:

– Ah, Crystofer, o que importa é essa tua alegria de viver, quem está contigo sempre está contente porque tu contagias a gente. Mas quem me “deu a força” foi o Crystofer, ao dizer:

– É que eu sou muito feliz, “Sora”, e quero dar muito orgulho para minha família. Quero estudar muito e ser médico. Tenho certeza que meu pai vai ficar muito feliz. Eu quero pesquisar sobre a cura de doenças e ajudar a salvar a vida de muitas pessoas.

Após a conclusão da atividade, alguns alunos leram seus textos, à frente da turma, Crystofer leu sua história em alto e bom tom. Alguns colegas ficaram emocionados, mas o Crystofer lia entusiasmado. Era um gigante ali, na frente de todos. Era um vencedor e assim se comportava.

Foi muito importante conviver com o Crystofer em todos os ambientes da escola, na sala de aula, no corredor, no recreio, durante o jogo de bola, sua alegria e espontaneidade não têm tamanho. Conhecê-lo foi lindo de viver!

SER PROFESSORA

ROSELY DINIZ DA SILVA MACHADO

É difícil eu contar alguma coisa de sala de aula sem me emocionar, simplesmente porque sou uma professora sensível e, para ser bem sincera, falar sobre os alunos já me dá aquela emoção, fico com olhos cheios d'água.

Num desses tantos anos de magistério, conheci uma turma de primeiro ano e, nessa turma específica, tinha um punhado de gente boa, como em todas as turmas. Aliás, em todo novo ano letivo conheço muita gente, de modo que, ano após ano, vou "engordando" minha lista de pessoas muitas boas. Outras, nem tanto. Normal, para quem leciona para quase duzentos alunos numa graduação.

Os alunos são parte da constituição docente, sem eles, nada pode ser feito. Como todo início de ano, a expectativa é enorme de ambas as partes, aluno/professora, e, naquele ano, não foi diferente. Todos esperavam aprender na disciplina de Língua Portuguesa I muitas regras gramaticais, mas, de repente, depararam-se com uma professora que falava sobre texto, leitura, escrita, interpretação. A surpresa foi grande e os comentários do tipo "quando é que vem a gramática?" eram constantes; porém, meu objetivo sempre foi maior: era fazê-los pensar sobre uma língua que eles já dominavam e isso aos poucos foi ficando claro para eles, então, começaram a se sentir mais comprometidos em investir em si mesmos, na sua escrita, enfim, no seu processo de formação docente. Isso fez toda diferença.

Numa certa ocasião, solicitei um trabalho em grupo e os alunos tinham de preparar uma aula, aplicando a teoria trabalhada durante nossos encontros, de modo que eles se deram super bem no papel de professores, apesar do plausível nervosismo para a situação.

Um dos grupos me causou extrema emoção, pois prepararam uma aula a partir de uma letra de música e, através dela, foram explicando, esmiuçando o conteúdo de modo tão sugestivo e envolvente que encantou a todos em aula. Dois dos componentes do grupo nos brindaram com música ao vivo, voz e violão: um tremendo momento de emoção do qual jamais me esquecerei. Esquecer? Nem poderia mesmo, pois veja o e-mail que recebi do meu aluno músico, no final do ano. Foi um resenão que me encheu o coração de alegria e de orgulho por ter sido sua professora:

SER PROFESSORA

ROSELY DINIZ DA SILVA MACHADO

É difícil eu contar alguma coisa de sala de aula sem me emocionar, simplesmente porque sou uma professora sensível e, para ser bem sincera, falar sobre os alunos já me dá aquela emoção, fico com olhos cheios d'água.

Num desses tantos anos de magistério, conheci uma turma de primeiro ano e, nessa turma específica, tinha um punhado de gente boa, como em todas as turmas. Aliás, em todo novo ano letivo conheço muita gente, de modo que, ano após ano, vou "engordando" minha lista de pessoas muitas boas. Outras, nem tanto. Normal, para quem leciona para quase duzentos alunos numa graduação.

Os alunos são parte da constituição docente, sem eles, nada pode ser feito. Como todo início de ano, a expectativa é enorme de ambas as partes, aluno/professora, e, naquele ano, não foi diferente. Todos esperavam aprender na disciplina de Língua Portuguesa I muitas regras gramaticais, mas, de repente, depararam-se com uma professora que falava sobre texto, leitura, escrita, interpretação. A surpresa foi grande e os comentários do tipo "quando é que vem a gramática?" eram constantes; porém, meu objetivo sempre foi maior: era fazê-los pensar sobre uma língua que eles já dominavam e isso aos poucos foi ficando claro para eles, então, começaram a se sentir mais comprometidos em investir em si mesmos, na sua escrita, enfim, no seu processo de formação docente. Isso fez toda diferença.

Numa certa ocasião, solicitei um trabalho em grupo e os alunos tinham de preparar uma aula, aplicando a teoria trabalhada durante nossos encontros, de modo que eles se deram super bem no papel de professores, apesar do plausível nervosismo para a situação.

Um dos grupos me causou extrema emoção, pois prepararam uma aula a partir de uma letra de música e, através dela, foram explicando, esmiuçando o conteúdo de modo tão sugestivo e envolvente que encantou a todos em aula. Dois dos componentes do grupo nos brindaram com música ao vivo, voz e violão: um tremendo momento de emoção do qual jamais me esquecerei. Esquecer? Nem poderia mesmo, pois veja o e-mail que recebi do meu aluno músico, no final do ano. Foi um presentão que me encheu o coração de alegria e de orgulho por ter sido sua professora:



*Ser professor é professar a fé e a certeza
de que tudo terá valido a pena, se o aluno
sentir-se feliz pelo que aprendeu com você e
pelo que ele lhe ensinou.*

*Ser professor é consumir horas e horas pensando
em cada detalhe daquela aula que, mesmo
ocorrendo todos os dias, a cada dia é única e
original.*

*Ser professor é entrar cansado numa sala de
aula e, diante da reação da turma,
transformar o cansaço numa aventura
maravilhosa de ensinar e aprender.*

*Ser professor é importar-se com o outro
numa dimensão de quem cultiva uma
planta muito rara que necessita atenção,
amor e cuidado.*

*Ser professor e ter a capacidade de "sair de
cena, sem sair do espetáculo".*

*Ser professor é apontar caminhos, mas
deixar que o aluno caminhe com seus
próprios pés nos caminhos da Paz, e na
liberdade dos Sonhos.*

*Eu sei que disso tu já sabias, mas é só para te
lembrar de tua importância.*

Um querido abraço.

Ilustração: Diogo Dornelles

A QUÍMICA ERA DE OUTRO MUNDO

JOÃO CARLOS GEITENS

Eu fiz meu ensino médio em uma escola pública noturna em Canoas (RS). Passei por uma prova de seleção para entrar na escola e trabalhava durante o dia.

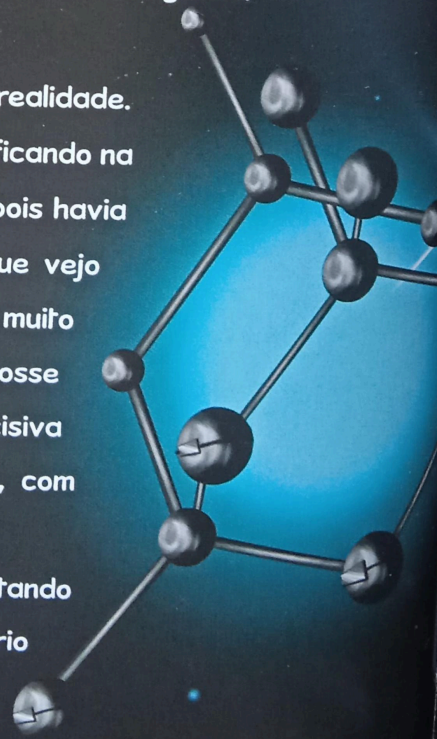
Tive dois professores de Química que contribuíram para minha formação no ensino médio.

No primeiro ano, o professor "Alfa" nos obrigava a decorar extensos polígrafos e não permitia que usássemos a tabela periódica na prova. Para sabermos os elementos de uma família, criávamos frases como: "Fiat na Br do Cl (Fluor, Iodo, Astat, Bromo, Cloro)". Mas não conseguia lembrar qual era a família e muito menos relacionar com suas propriedades. Eu pensava: "Pô, o Alfa até que é legal, mas a Química é de outro mundo".

No segundo ano, o professor "Beta" parecia que não tinha pressa e gostava de ouvir e contar histórias. Entre uma experiência e outra em sistemas abertos e fechados, ele costumava usar a citação: "Na natureza nada se perde, nada se cria, mas tudo se transforma," que depois me acompanhou por longos anos na Química e contava que Lavoisier, além de químico era cobrador de impostos e foi guilhotinado na França, no final do século XVIII, quando o proletariado tomou o poder. Lavoisier não era de algodão, contam os historiadores, mas a guilhotina não precisava ter existido.

Fui me contagiando e comecei a ver a Química mais próxima da minha realidade. Pensava: "Pô, o Beta é muito legal e a Química tem tudo a ver comigo". E foi ficando na química que me vi professor, inicialmente contratado em uma escola pública, pois havia poucos professores nesta área. Isso durou pouco, comparativamente ao que vejo agora. A diretora me chamou em sua sala e disse-me que meus alunos eram muito agitados e que professor não deveria fazer greve, muito menos se não fosse concursado. Fiquei arrasado com aquela curta experiência, mas que foi decisiva para no ano seguinte eu prestar vestibular para licenciatura em Ciências, com habilitação em Química.

A partir de lá são três décadas em que participei de todas as greves lutando pela construção e manutenção de um plano de carreira para o magistério estadual e por melhorias na educação.



A QUÍMICA ERA DE OUTRO MUNDO

JOÃO CARLOS GEITENS

Eu fiz meu ensino médio em uma escola pública noturna em Canoas (RS). Passei por uma prova de seleção para entrar na escola e trabalhava durante o dia.

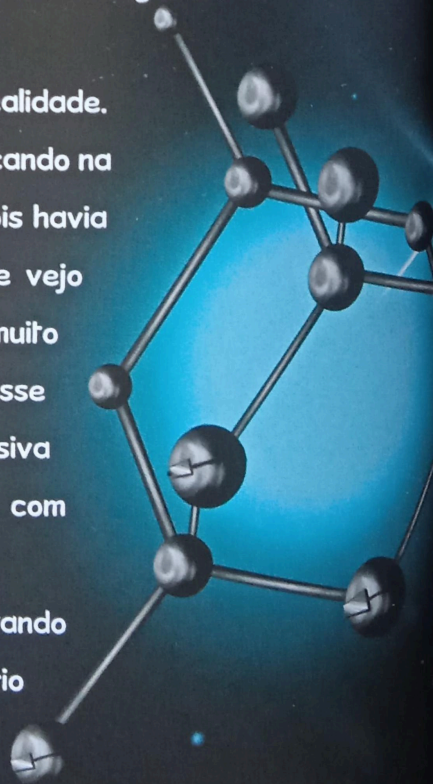
Tive dois professores de Química que contribuíram para minha formação no ensino médio.

No primeiro ano, o professor "Alfa" nos obrigava a decorar extensos polígrafos e não permitia que usássemos a tabela periódica na prova. Para sabermos os elementos de uma família, criávamos frases como: "Fiat na Br do Cl (Fluor, Iodo, Astató, Bromo, Cloro)". Mas não conseguia lembrar qual era a família e muito menos relacionar com suas propriedades. Eu pensava: "Pô, o Alfinha até que é legal, mas a Química é de outro mundo".

No segundo ano, o professor "Beta" parecia que não tinha pressa e gostava de ouvir e contar histórias. Entre uma experiência e outra em sistemas abertos e fechados, ele costumava usar a citação: "Na natureza nada se perde, nada se cria, mas tudo se transforma", que depois me acompanhou por longos anos na Química e contava que Lavoisier, além de químico era cobrador de impostos e foi guilhotinado na França, no final do século XVIII, quando o proletariado tomou o poder. Lavoisier não era de algodão, contam os historiadores, mas a guilhotina não precisava ter existido.

Fui me contagiando e comecei a ver a Química mais próxima da minha realidade. Pensava: "Pô, o Betinha é muito legal e a Química tem tudo a ver comigo". E foi ficando na química que me vi professor, inicialmente contratado em uma escola pública, pois havia poucos professores nesta área. Isso durou pouco, comparativamente ao que vejo agora. A diretora me chamou em sua sala e disse-me que meus alunos eram muito agitados e que professor não deveria fazer greve, muito menos se não fosse concursado. Fiquei arrasado com aquela curta experiência, mas que foi decisiva para no ano seguinte eu prestar vestibular para licenciatura em Ciências, com habilitação em Química.

A partir de lá são três décadas em que participei de todas as greves lutando pela construção e manutenção de um plano de carreira para o magistério estadual e por melhorias na educação.



Hoje, ainda me emociono quando um aluno, e se for da Educação de Jovens e Adultos, então mais ainda, diz que pretende fazer licenciatura em Química e que as aulas em que sou professor e apresento a magia dos experimentos influenciaram sua decisão. Talvez esta emoção seja por conta do Alfa e do Beta, lá nos idos tempos de secundário, hoje ensino médio. A Alfa e Beta, tenho somente a agradecer e indagar: um professor nasce quando ainda está no banco escolar, como aluno?



PROFESSORES SEMPRE PODEM FAZER A DIFERENÇA

SUELEN MACHADO VALERIO

Isabela - conhecida como Isa - era uma estudante da sétima série esforçada e estudiosa, acostumada a ter alunos da mesma idade em sua aula. Precisou mudar de escola. E como era meio do ano, estava difícil conseguir vagas. A diretora resolveu colocá-la em uma turma, mas avisou a mãe de Isa:

- Essa é a turma mais difícil da escola. É uma turma terrível, todos que lá estão são repetentes e maiores. Nenhum professor acredita que eles possam ser aprovados.

E a mãe de Isa muito sem graça perguntou:

- Mas a senhora não tem uma vaguinha em outra turma? A diretora tornou a dizer que poderia acolher a filha dela apenas naquela turma.

Então, estava Isa no seu primeiro dia de aula, na nova escola. Ela chegou atrasada. Quando abriu a porta da sala, viu todo mundo bagunçando. A professora estava na sala, o que para ela foi uma surpresa, pois na sua escola anterior ela e seus colegas eram muito atentos e disciplinados. E, pior, eram muito maiores que ela! Pensou que estava na turma errada e disse:

- Desculpa, foi engano! Sou nova na escola e estou procurando a minha turma de sétima.

- Não, você não está errada é aqui mesmo - respondeu a professora.

Então, Isa respirou tão profundamente quanto pode e, assustada, sentou-se na primeira classe com medo dos colegas.

No início, foi difícil ver a diretora entrar todo dia para reclamar, sem que ela alguma vez tivesse por isso merecido. E os professores, percebia-se, não gostavam nada daquela turma. O tempo foi passando e Isa ficando cada vez mais desiludida com a escola.

Foi com alegria que a professora de Português entrou em licença-gestação e a professora que veio substituí-la era diferente. Era muito nova e cheia de sonhos. Os alunos estranharam o modo da professora trabalhar, a maneira como ela se importava com eles. E assim como Isa, muitos logo com ela se identificaram.

A professora conversava muito com os alunos. Um dia, ouviu de um deles:

- Por que queres acreditar em nós e tentar mudar algo? Não enxergas que ninguém acha isso e nós sabemos que eles estão certos. Somos assim e nunca aprenderemos.

- Se vocês não acreditarem em vocês mesmos tenho certeza de que nada mudará. Agora quando vocês enxergarem o potencial que cada um possui, mesmo que a escola e os professores digam que vocês não sejam capazes de aprender, eles não serão obstáculos para a realização dos sonhos de vocês - disse a professora sonhadora.

Sei lá se por ser um sonho, a turma se sensibilizou. *O sonho fez a diferença!*



Organização

Vivian da Silva Paulitsch
Maria do Carmo Galiuzzi
Ioni Gonçalves Colares

Equipe de Ilustração

Consultoria das Ilustrações

MSc. Geraldo Roberto da Silva
Dr. José Antônio Vieira Flores

Ilustrações

Alexsander Lavoura de Mattos
Anderson Mendonça
Diogo Soares Dornelles
Sandro Kisner

Projeto gráfico e Diagramação

Alexsander Lavoura de Mattos

Capa

Alexsander Lavoura de Mattos
Sandro Kisner

Revisão

Marlise Bassfeld-Muhme

Autores

Artes

Thays Oliveira
Adrise Ferreira de Souza

Espanhol

Lílian Rosa
Sílvia Garcia de Freitas

Português

Angela Cleci Bueno Rizzo
Rosely Machado

Pedagogia

Patrícia Rosa de Andrade Queres
Deise Gomes da Costa

Educação Física

Cecília S. Borges
Rudy da Silva Ribeiro

Química

Suelen Machado Valerio
João Carlos Geitens

Geografia

Paulo Roberto Martins Oliveira
Denise Seixas Cruz

Francês

Sandriele Rocke de Souza
Anderson Pires de Souza

Biologia

Robson Magno Rosa Medeiros
Senhorinha Marlene de Moraes

Inglês

Paula da Silva Cunha
Bruna Milano Schepers

Física

Vanessa de Oliveira Gil
Heider Borges Gaspar

Matemática

Jessica de Avila da Costa Vaz
Rejane Conceição Silveira Silva

História

Daiane Eslabão da Silva

Institucional

Fernanda Albuquerque

Coordenação do Pibid - FURG

Profª Maria do Carmo Galiazzi e

Profª Ioni Gonçalves Colares - **Pibid Institucional**

Prof. Luiz Fernando Mackedanz - **Física**

Profª Celiane Costa Machado - **Matemática**

Profª Derocina Alves Campos Sosa - **História**

Profª Sonia Marisa Hefler - **Biologia**

Profª Luciani Salcedo de Oliveira - **Inglês**

Profª María Josefina Israel Semino

de López - **Espanhol**

Prof. Moacir Langoni de Souza - **Química**

Profª Rosely Diniz da Silva Machado - **Português**

Profª Maria Renata Alonso Mota - **Pedagogia**

Profª Vivian da Silva Paulitsch - **Artes Visuais**

Profª Cláudia da Silva Cousin - **Geografia**

Profª Eliane Misiak - **Francês**

Prof Billy Graeff Bastos - **Ed. Física**